III MESA REDONDA

CINEMA E VIOLÊNCIA

EM MONTAGEM DE PINTO DA COSTA

O expressivo filme de Arthur Penn, «Bonnie e Clyde», continua a dar que falar em todo o mundo, numa clara demonstração de que o Cinema remove montanhas sempre que ao mesmo não são fechadas as portas da liberdade e da acção. Para além da crítica cinematográfica que lhe vêm dedicando, sucessivamente, os mais extensos artigos, também a Imprensa diária continua a dar-nos notícia das numerosas controvérsias que o filme levanta à sua passagem.

Mais ainda do que «Blow-Up», de Antonioni, e «Grau de Destruição-Farenheit 451», com que François Truffaut terá alcançado o seu melhor POSITIVO de sempre, «Bonnie e Clyde» tem a particularidade, deste modo raramente conseguida, de alertar os espíritos acomodados, e, sobretudo, a tradicional passividade ou alheamento da gente das Letras e das Artes quanto a determinados filmes de capital importância. A inegável obra-prima de A. Penn teve, realmente, o condão de trazer ao diálogo, não apenas os habituais críticos da especialidade, mas toda uma vasta camada de intelectuais e artistas, de educadores e jovens estudantes, — estes, porventura, os mais acérrimos defensores de uma arte que agita problemas e traz, ao mesmo tempo, à luz do sol as determinantes de certas regras dum jogo por demais caduco e envilecido.

Eles, principalmente, os

Continua na página três

Aveiro, 3 de Agosto de 1968 * Ano XIV * N.º 717

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo • Administrador — Alfredo da Costa Santos • Proprietários — David Cristo e Francisco Santos
Redacção, Administração, Compos. e Impres. na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sarg. Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

Entre Público e Artistas

GALERIAS

MARIA ADELAIDE

3 A leitura de Scrash B *deixou-nos a desoladora certeza de estarmos a perder o nosso precioso tempo com uma questiúncula, mas sucede que o Sr. Carbaty não está, de modo nenhum, empenhado em esclarecer dúvidas : antes parece movido apenas pela intenção de denegrir uma organização comercial ou, mais pròpriamente, os seus proprietários.*

Vejamos no cotejo de afirmações :

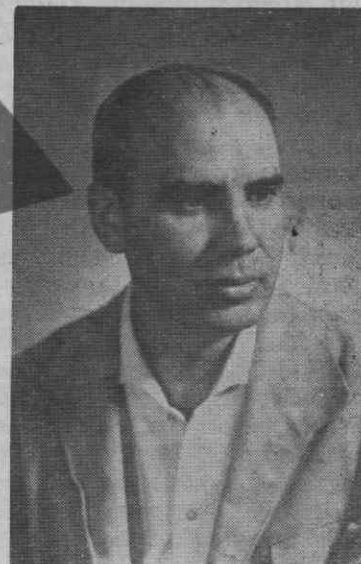
Dele (Schrash de 13/7/68) : *E, já agora, diga-me cá: quais os motivos por que têm estado ausentes do Salão Manuela Canossa, Helder Bandarra, Gaspar Albino, Sérgio Loff, Carlos Neto, Fernando Filipe e Sérgio*

Continua na página dois

O CINEASTA VASCO BRANCO

UM AVEIRENSE QUE SOMA E SEGUE

Iamos a informar aqui que Vasco Branco e David Cristo pensam sèriamente na realização dum filme sobre a Talha Dourada dos Templos Aveirenses, *documentário que será, porventura, limiar duma série sobre valores artísticos e etnográficos locais. Mas veio-nos, de súbito, uma notícia que relegou para segundo plano o mais que desejaríamos dizer sobre... meras intenções: Vasco Branco, de novo, voltou a encher o seu xalavar de prémios, agora no III FESTIVAL NACIONAL DE CINEMA AMADOR DE GUIMARÃES — que «Convívio» organizou, integrado no brilhante programa das Festas Gualterianas, e que teve o seu encerramento no último domingo. Nada menos do que SEIS novos galardões para o distinto cineasta de Aveiro:* Medalhão de Ouro, *atribuído ao documentário, bem aveirense, «Gente Trigueira», que foi ainda considerado o* Filme de mais significativa mensagem humana, *o* Filme de melhor nível técnico *e o* Filme com melhor fundo musical; *em* Enredo, *o* Medalhão de Ouro *para «Rajada»; e, em* Fantasia, *o* Medalhão de Prata *para «Chãos-ZN-73».*

Uma palavra a mais que acrescentássemos a este vero relato seria tola pretensão de superar a eloquência dos números e a eloquência dos prémios. Por isso — ponto final. Ponto final na notícia, claro, — que, quanto a Vasco Branco... SOMA E SEGUE...

RESPOSTA SUAVE ao Comunicado do CETA

BARTOLOMEU CONDE

Os meus antagonistas, perante a veracidade das afirmações por mim feitas à volta do Teatro de Bolso, optaram por aquela atitude irmã-gémea do medo : — a intimidação do adversário.

E, assim :

1.º — Lançaram vagas sucessivas e muito próximas de provocações pessoais, com o propósito de me desacreditarem e descontrolarem ;

2.º — Revelaram ao Mundo os meus inúmeros defeitos (contai-os no Litoral de 13 e 20/7) ;

3.º — Embaraçados na teia-de-aranha por eles próprios tecida, procuraram forçar-me a uma argumentação diferente da que eu desejava ;

4.º — e último : — a publicação do prepotente COMUNICADO da semana passada.

Com um pouco de coragem, com uma migalha que seja, e dizei-me, oh ! gentes, alto e bom som, para todos ouvirem : — acaso são falsas as minhas afirmações ? Terei alguma vez desprestigiado o CETA

Continua na página três

ONDULAÇÃO PRESENTE

ENTREVISTA DE ARTUR FINO E CARLOS CLÁSSICO • GRAVAÇÃO DE JOAQUIM MOREIRA • FOTO DE ELÓI SOUSA SANTOS

A verdade é como um tigre que tivesse muitos cornos, ou então como uma vaca a que faltasse o rabo. Poema ZEN

Fomos falar com Artur Semedo ao *Teatro Aveirense*. Está a trabalhar na companhia do «Teatro Alegre». Peça : «Agarra que é milionário». Continuámos uma conversa (viva) que iniciáramos às 2 da manhã no «Centenário».

AF — O tema pode ser continuar a «debater-se» o problema *sanguíneo* de ontem: o comprometimento do actor português (consciente) no actual panorama do nosso teatro.

CC — Tem de se ver a razão por que é que ele, actor, se limita a fazer coisas assim («Agarra que é milionário»), embora se adivinhem.

AF — Tem muito interesse, sobretudo na medida em que se pode elucidar o público. Aqui, o assunto anda sempre um bocado morto.

CC — E obscuro.

POIS, OBSCURO

SEMEDO — Toda esta questão do teatro estar assim e não se fazerem peças com maior projecção, que focassem mais os problemas de hoje, além de não ser só uma questão de censura, é também uma questão de público. O público não aceita essas peças. Entre mil há um que aceita. Portanto, esse papel ou cabe ao Governo (como lá fora, não é ?), já que é um problema de educação, ou então... não sei. Por exemplo, agora a Itália tem muito pouco teatro. E a razão é o ritmo da vida de hoje. Vocês vêem, as cidades vão-se estendendo cada vez mais depressa. No princípio eram um bloco. Repare-se : até através do exemplo de Aveiro se vê isto. A cidade tem crescido imenso, aliás como muitas outras cidades de província. As pessoas que dantes moravam junto dos teatros e

Continua na página dois

ARTUR SEMEDO

«TEATRO» «PINTURA» E... AVEIRO ?

AMADEU DE SOUSA

Temos acompanhado com *muito* interesse o que se vem escrevendo neste semanário, sobre determinado problema que parece afectar o CETA, e as faúlhas que ainda andam no ar, do rescaldo teimoso do último Salão-Aveiro.

Claro que este nosso *muito* interesse é um pouco paradoxal, na medida em que se prende quase exclusivamente a um descambar de atitudes, que nada dignificam, a umas tantas frases e ditos deselegantes, directos uns, camuflados outros, que se evitavam, e em nada abonam os seus intervenientes.

Assim — não. Que se opine, que se alvitre, que se discuta, enfim, que se ponham uns certos pontos nos ii, porém — parece-nos — que com uma certa elevação, para evitar aos próprios leitores um odor tão desagradável, como o que exalam as águas fétidas dos canais «venezianos» da nossa cidade na baixa-mar.

É que, francamente, ficámos com a impressão de que algo de anormal se passa, que bom era não tivesse transcendido os bastidores para domínio e até gáudio do público. Além do mais, também nos não parece que tal conduta possa servir com propriedade os interesses de quem quer que seja, defender uma causa séria ou uma simples maneira de ver as coisas.

Todavia, e como infelizmente assim não aconteceu, deu-se o inevitável descarrilamento, tragédia de que ninguém saíu ileso.

— É pena. E é pena, que tantas penas ignoradas até então, se tivessem desembainhado para um desferir de golpes que o bom senso não permite.

— É pena, que se consuma tanto fósforo em deman-

Conclui na página quatro

GALERIAS

Continuação da primeira página

Gamelas, artistas tão entusiasmados, todos eles já premiados, alguns até várias vezes? Não lhes assistirão razões legítimas, como as apontadas, razões também de muitos outros afastados? Não estarão as desistências também ligadas ao tal parasitismo apontado na minha entrevista e que o seu artigo tenta indevidamente devolver ao próprio artista?

Nossas (Entre Público e Artistas — Galerias de 20/7/68 alínea H): — «Quanto aos artistas ausentes do Salão, Manuela Canossa, Helder Bandarra, Gaspar Albino, Sérgio Loff, Carlos Neto, Fernando Filipe e Sérgio Gamelas — a resposta deveria ser pedida aos próprios interessados, que não perderiam a oportunidade de mostrarem justificada indignação por terem sido os seus nomes usados sem consulta prévia, e de tal maneira, que foram lançadas dúvidas sobre as verdadeiras razões da sua atitude; mas esse é, realmente, assunto que a eles diz respeito; G. B. tem inteira certeza de que não lhe cabe a mínima responsabilidade pela sua ausência.»

Dele (Scrash B de 28/7/68): «Omiti propositadamente as alíneas B D e H por não encontrar matéria de desacordo com as minhas afirmações anteriores».

Nossas (pedindo o asserto a Camilo): «não se sabe bem o que quer e o que vem fazer. Mas nenhum nos espantará com mais extraordinárias metamorfoses, transformações admiráveis até ao absurdo, uma maleabilidade, um deixar-se dobrar nas mãos das conveniências de momento».

Ponhamos agora seis problemas para que o Sr. Coelho os resolva sem ziguezaguear (e... ter-se-á de pé?!):

1.º — Afirmou em Scrash B não ter tido a intenção de, na entrevista, se referir às Galerias e muito menos à Borges. No entanto, no Scrash A, não só não faz essa elementar ressalva como, pelo contrário, investiu desalmadamente contra a referida Galeria.

Sr. Coelho: Se essa desculpa é verdadeira, por que não começou logo por ser verdadeiro no seu Scrash liminar?!

2.º — Insinuou que G. B. não tem despesas com as exposições — e apoda G. B. logo depois, de... parasita!

3.º — Afirmou que Salão Aveiro não dá despesas à Galeria mas esqueceu as provas no tinteiro!

4.º — Afirmou que G. B. avisou todos os artistas para concorrer ao Salão apenas com 9 dias de antecedência, mas deixou a demonstração na gaveta!

5.º — Afirmou que G. B. encomendou trabalhos para o Salão depois de expirado o prazo de entrega, mas apenas... afirmou! (sobre este assunto talvez Mário da Rocha possa dizer uma palavra)

6.º — Insinuou que Manuela Canossa, Helder Bandarra, Gaspar Albino, Ségio Loff, Carlos Neto, Fernando Filipe e Sérgio Gamelas, deixaram de concorrer ao Salão por razões particulares ligadas a parasitismo — e muito importaria a confirmação de todos estes artistas, porque não bastam as pretensas suposições do Sr. Coelho.

Quem se deu ao cuidado de ler o que o Sr. Coelho tem escrito, poderá ter pensado que, tanto a actividade da Galeria de Arte como as organizações do Salão Aveiro, foram maná de receitas para a Galeria (e que o fossem, poderemos acusar de parasitismo uma casa comercial que cobra determinada percentagem sobre os artigos que vende? Não é assim que vivem todas as casas comerciais de qualquer tipo? Ora valha-o Deus, Sr. Coelho).

Ou será que um artista passa a simples e prosaico comerciante no momento em que põe preço à sua obra? Ou será que um artista não é livre de a vender, sem desprestígio, onde quizer, desde a rua à mesa do café?

Parece todavia evidente que, se o artista coloca o seu quadro numa casa comercial, ou o confia a uma organização, terá de submeter-se às normas que porventura existam: e sucede até que na G. B. há um regulamento geral por que se regem exposições nela realizadas ou por ela organizadas; e, em casos excepcionais, normas específicas terão, necessàriamente, de ser adoptadas.

Ora veja — e pasme, Sr. Carbaty! — a realidade insofismável dos números que Livraria Borges e Galeria Borges lhe põem pertinho dos olhos:

Nas 31 exposições individuais e colectivas em que passaram por G. B. ao longo de 5 anos (não contando com Salão Aveiro) 73 artistas, houve uma despesa total, para a mesma Galeria de Arte, de 34.145$00; a taxa cobrada sore as obras vendidas não passou de 11.164$00.

As despesas respeitantes à organização do Salão Aveiro, que G. B. desde o 1.º Salão considerou exclusivamente suas, nunca se tendo delas queixado nem apresentado contas, ascendem precisamente a 10.645$20. As receitas obtidas pela aplicação da referida taxa (comum a todas as exposições na ou da organização da G. B.) somam 1.250$00!

Informamos ainda que, durante os cinco anos de actividade da secção Galeria de Arte, apenas foi vendida uma obra do Sr. Carbaty, precisamente no Salão Aveiro III: não referiremos a percentagem cobrada, por ridícula: quatro algarismos com cifrão ao meio!

Os elementos comprovativos destas declarações estão arquivados na Livraria e na Galeria Borges. Está o Sr. Coelho convidado a compulsá-los, quando quiser, ou a mandar contabilista por si. E de duas uma: ou aceita o convite — e necessàriamente terá que vir a público dizer a verdade (o que só lhe ficará bem); ou terá que remeter-se ao silêncio — o que lhe ficará muito mal...

E assim, e só assim se responde (com números!) à pergunta do Sr. Coelho. «Mas quem acredita que se percam voluntàriamente vários milhares de escudos com prejuízo duma sociedade comercial (a Galeria) que obriga à prestação de contas aos seus sócios?»

Também nós perguntaremos agora: porquê, dentre os 108 artistas nacionais e estrangeiros, que mostraram as suas obras na G. B. e S. A., e dos quais a maior parte ficou a contar-se entre os nossos amigos pessoais, só um — menos de 1% !!! — abriu hostilidades contra a Galeria?; e por que só agora o fêz, e não durante o Salão Aveiro III, como seria lógico, quando se vendeu a tal obra que deixou à Galeria tão «choruda» percentagem?

MARIA ADELAIDE

Ondulação Presente

isso tudo, hoje em dia moram a 10/20/30 kms. de distância.

CC — Este aspecto foi muito bem estudado por Sttau Monteiro na análise sociológica que fez na «Introdução à História do Teatro».

AF — Há que ver que esta dispersão é natural, como se depreende do estudo de Sttau Monteiro.

SEMEDO — Pois é. As pessoas moram longe. Isto nota-se sobretudo nas grandes cidades. Veja-se pelo Brasil. Vocês não fazem ideia do que é uma capital como o Rio de Janeiro (*por acaso não fazemos, não*). Leva-se, para se ir do centro da cidade a um teatro, uma hora ou mais, de automóvel. O trânsito é compacto.

ESTRUTURAS DE BASE?

CC — No fim de contas, tudo isto parece ser um problema de estruturas de base.

SEMEDO — Bem, esse é um dos problemas. Depois (isto é uma coisa que a gente não pode abordar assim com facilidade), há o problema da eventual participação do Governo na fomentação do teatro.

CC — Orlando Neves, no «República», focou o problema do desemprego do actor português de teatro durante o Verão, que também se referencia com isso.

SEMEDO — É verdade, a maior parte está desempregada durante o Verão, sem saber o que fazer.

CC — Propunha ele que essa situação injusta do actor fosse remediada pelo Estado, através dos seus organismos próprios, lançando os chamados Festivais de Verão (como em Espanha, p. ex.), de modo a permitir às companhias exibirem-se, a preços muito baixos, em várias localidades de província, sobretudo nas zonas de turismo.

SEMEDO — Isso está certíssimo. E por falar em Espanha, é lá que se encontra actualmente o melhor teatro. Em França existem muitos teatros experimentais, de renovação. Gente a querer lutar por um bom teatro. Depois, encontra-se disto («Agarra que é milionário», «A flor do cacto», etc.), comèdiazinhas para toda a gente, para o grande público. Por outro lado, a corrente estética do Absurdo, de que Ionesco é um expoente, está a passar de moda.

CC — Parece-me que não é bem passar de moda. Será mais um caso de necessidade interior, de ondulação futura, como diz o Félix Borges. Esse teatro, quase totalmente niilista, já nos interessa pouco.

SEMEDO — É isso, já não nos interessa. Olhem, eu até fiquei parvo quando ouvi isto. Não era que eu estivesse bem a par do assunto, mas estava no Brasil quando apregoavam lá que a coisa (a corrente do Absurdo, Ionesco incluído) «estava a passar de moda». No Brasil a gente do *teatro novo* é extraordinária. Eles derretem as pessoas. E têm bons autores. Excelentes, mesmo. Mas não têm teatro. Chega-se às casas de espectáculos e estão lá 30/40 pessoas. Isto no bom teatro. A situação é mais ou menos idêntica à nossa. As comédias de carregar pela boca, que o actor consciente é obrigado a fazer, têm público. O bom teatro não. E no Brasil, repito, têm muitos bons autores. Porque lá foi dada uma liberdade grande ao teatro. Liberdade que talvez tenha sido em demasia. As pessoas têm que ser conduzidas, canalizadas. Se houver dispersão, é difícil.

FUTURO

AF — Não antevê, assim, Artur Semedo, uma solução mais ou menos imediata para um novo rumo na estrutura do nosso teatro?

SEMEDO — Não. Nem no nosso nem em nenhum dos que estão em circunstâncias parecidas.

CC — Há pouco disse que o teatro italiano estava a desaparecer.

SEMEDO — Quer dizer, há uma modificação radical que se está a dar em todas as artes. Um grande movimento. Hoje em dia as pessoas sentem uma necessidade grande de renovação. E isto também se dá, naturalmente, em teatro. E então, enquanto geomètricamente, vamos lá, a estrutura teatral, a própria casa de espectáculos, não se modificar, a linguagem de teatro também não poderá sofrer grandes alterações.

CC — Tem de haver uma evolução paralela. É também necessária uma evolução formal. Mas, repetindo, como é que explica que o teatro italiano, como disse, está a tender acabar?

SEMEDO: — Pois está. Tende para isso. Olhem, é por exemplo o problema das distâncias (ainda). O grande ritmo da vida. A televisão. (A RAI tem programas formidáveis, uma grande variedade deles. Bons espectáculos. Se não interessa um canal, liga-se para outro. Se não interessa uma corrida de touros, como por exemplo ontem na nossa RTP, muda-se para uma conferência sobre pintura ou um bom filme.)

CC — Nesse caso, o teatro tende a tornar-se acessório. Será isto?

SEMEDO — Pois é, mais ou menos. Mas há gente extraordinária, que trabalha no cinema para alimentar o bom teatro. Caso de Vittorio Gassman. Que faz cinema de calibre semelhante à peça de hoje, para gastar no teatro o dinheiro que ganha com esse cinema. Conheci-o no Rio. Um homem extraordinário.

TEATRO-DE-BOLSO?

AF — Agora outro caso: você, Artur Semedo, acha que os teatros-de-bolso podem ser solução para estes casos? Acha que uma disseminação solveria a coisa?

SEMEDO — Não. Estou convencido de que os teatros-de-bolso, nessas capitais, não são solução. Pelo contrário: mesmo com eles, é onde o teatro está pior. Houve um afastamento do público.

CC — Mas em relação ao nosso país, para se criar uma preparação numa maioria de público (caso de Aveiro), um teatro-de-bolso parece ser a coisa mais aconselhável, não será?

SEMEDO — Ah pois. Mas aqui o caso já é diferente! Porque é um teatro de escola, de preparação, de esclarecimento. Experimental. Neste aspecto, é estupendo. É a solução. Em certos países (evoluídos, vá lá...) o teatro faz parte integrante da educação das crianças. Quer dizer, a preparação começa pela base. E depois continua, claro. Mas cá, o teatro-de-bolso é realmente a solução.

AF — Outro problema que se nos põe é este: nós, que fazemos (ou tentamos fazer) teatro amador, também estamos condicionados na escolha de peças. Quer dizer, também nós não levamos os espectáculos que queremos.

SEMEDO — Mas vocês, mesmo assim, têm mais facilidades. Nós aqui estamos impossibilitados, por exigências comerciais, de fazer um autor que é hoje representado em todo o mundo. Um autor que é talvez o único que ficará realmente na História do Teatro: Bertolt Brecht. Com vocês, já o problema comercial não se põe (como a nós pelo menos). A coisa aqui é diferente, já é possível. Mas também não interessa, paciência.

AF — Ao fim e ao cabo tudo isto faz parte duma estrutura orgânica limitada, dum condicionalismo social.

SEMEDO — Mas olhem que apesar de tudo isso, a luta existe. Contrapõe-se. Os obstáculos que se põem aos movimentos dos novos não é só aqui.

AF — Parece que estamos então num período transitório. Ou num beco sem saída.

SEMEDO — Talvez num período de transição. Que, aliás, se adivinha.

CC — Mas o teatro, por este caminho, acha que a coisa tenderá a desaparecer?

SEMEDO — Olhem, não sei. Quanto a mim o teatro não morre. Ele exige a presença física do homem. É uma actividade fundamentalmente humana. Pode desaparecer o cinema, a televisão, etc... O teatro não. Ele faz parte do homem pràticamente desde o princípio da História.

CC — Até porque o teatro tem ainda muito a dizer, não é?

SEMEDO — Ah pois tem! Isto não acaba. Mas há uma coisa que eu digo: deixará de existir o espectáculo comercial, o espectáculo «desregrado» vai desaparecer. Pode ser que me engane, é claro, mas é isto que penso.

AF — Isso seria extraordinário, a acontecer. Seria a melhor coisa, parece-me.

SEMEDO — Porque há muitas formas de levar o espectáculo a nossas casas.

AF — De resto temos que ver que esta vida pré (?) febril obrigará a isso.

POR OUTRO LADO...

CC — O teatro por cá tem um papel limitadíssimo. Se não houvesse o problema de censuras, o teatro teria uma função extraordinária, não acha?

SEMEDO — Claro. Tínhamos peças excepcionais. O nosso trabalho seria a sério. E o público acorreria porque se lhe estava a falar directamente. E no fundo é o que interessa.

AF — É o que nos faz falta.

CC — Uma dialéctica, é o que é preciso. O palco visto como um local eminentemente social.

QUASE FIM

SEMEDO — Todos estes pontos que aqui focámos à pressa têm muito interesse. Quando vocês ontem à noite, lá no «Centenário», estavam indirectamente a falar comigo, eu, como actor, senti-me na obrigação de falar. De defender uma situação de cuja existência nós, profissionais de teatro, não temos culpa. Quis mostrar-vos que as vossas «acusações» exasperadas não podem (em relação a nós) ter a interpretação que se lhes pretende dar.

AF — E nós, pode crer, continuamos arrepiados. Há até um facto interessante. Normalmente os actores profissionais (especialmente os mais conscientes) andam contrafeitos neste trabalho.

CC — A fazer frete.

SEMEDO — Pois é. Mas por necessidade de sobrevivência tem que se ganhar a vida. E quanto a isto, nada a fazer. O que é que nos resta?

Resta-lhes... continuar, Artur Semedo. «É preciso que todos continuemos». Parar é que não. Seguir viagem. (À Espera do Godot?).

Cinema e Violência

Continuação da primeira página

que denunciam (vê-mo-lo através da *mesa-redonda* em que estamos empenhados) o tremendo disparate de se julgar ver em «Bonnie e Clyde» nada mais do que uma instigação à violência e ao crime.

Arrastadas, exclusivamente, pela ideia de que certas obras cinematográficas e da TV estão na base da onda de tiros e de sangue «que hoje obriga os nova-iorquinos a irem para a cama às oito da noite», as autoridades americanas e, com elas, muitos responsáveis pelos programas da televisão e do cinema daquele país, recusam-se a autorizar, «escrever, dirigir, produzir, interpretar ou participar na elaboração de espectáculos que celebrem a brutalidade, a crueldade e a morte violenta».

No dizer, porém, de Lauro António — um dos jovens dialogantes da nossa *mesa-redonda* —, trata-se de uma campanha que mais não pretende do que tomar o espelho pela realidade, ou o efeito pela causa, acrescentando (*in* «Diário de Lisboa», de 22/7/68) ser mais uma das contradições insolúveis de uma sociedade que permite a venda de armas de fogo pelo correio e vai exortando o público, depois de cada tragédia, pedindo orações e piedosas intenções para os que vão desaparecendo em série. Contradições que se expressam na atitude de Jonhson, nos seus beatíficos apelos à não-violência, enquanto no Senado as leis referentes à compra e venda de armas iludem as questões fundamentais para se debruçarem sobre pormenores de secundaríssima relevância.

Citado por L. António, também Truffaut se refere a essa campanha encobridora dos verdadeiros problemas, para afirmar isto mesmo, e adiantar que a violência contemporânea não sai pelos postos de televisão (como, por certo, dos estúdios cinematográficos) dos Estados Unidos: faz parte integrante da sua sociedade (como muito bem disse o próprio A. Penn). Quando Lincoln foi assassinado — acrescenta Truffaut — não existia a televisão. É certo que podem sempre alegar que o seu assassino conhecia bem de mais Shakespeare, onde há também muitas mortes violentas!

E que dizer às declarações de um dos melhores peritos americanos sobre assuntos de criminalidade nos E. U. A.? — perguntaremos nós. «Estamos a chegar neste preciso momento a uma situação incrível, em que o crime organizado domina, pràticamente, metade do país» — declara Ralph Salerno. «Um homem será eleito em 1984 presidente dos E. U., sem saber porquê. Mas, após a eleição, outros homens elegantemente vestidos irão ter com ele para lhe dizer: «Fomos nós que o pusemos aí. E o melhor é começar a fazer o que lhe mandarmos». Esses homens serão os dirigentes da clandestina «Comissão Nacional do Crime Organizado». Terão realizado o grande golpe que o mundo do crime vem a preparar há 50 anos — o domínio total dos Estados Unidos». E, por certo, que dos seus próprios *domínios* no estrangeiro.

Será pois, também, que esta ameaça exista por virtude da tão reclamada influência do cinema e da TV junto dos sindicatos do crime daquele país?

Aos que possam vir afirmar que uma autópsia à violência de Bonnie e Clyde, nos moldes em que a vimos fazendo nestas colunas, só aos americanos verdadeiramente poderá interessar — diremos, um pouco à maneira de Bernardo Santareno neste diálogo, que, pelo contrário, ele não interessa APENAS à América, mas principalmente... o que não será bem a mesma coisa.

Retomemos, porém, o fio do debate...

MARIO DIONISIO: — Também eu receio que, no filme, se identifique (ou permita identificar-se) a situação de crime em que a depressão económica de 1930 lançou muitos americanos com a violência (aparentemente) sem razão que se quer ver como característica específica da juventude de hoje. Que se leve longe de mais o fascínio pelo objecto-pistola que se diria só servir para assaltar bancos ou matar por matar (1).

ALVES DA COSTA: — Vejamos: Bonnie e Clyde não são fruto de geração espontânea. Por detrás dos seus actos (da sua própria mentalidade) há, realmente, toda a influência de um meio social violento. Contraditório, egoísta e cruel. Não agem por revolta consciente contra uma sociedade (e por isso não têm nada a haver com os «jovens irados» dos tempos modernos (2).

J. T. MENDONÇA: — A revolta anárquica e individualista de Bonnie e Clyde contra as leis preestabelecidas, essa tentativa desesperada de obter aquilo que a sociedade de antemão lhes nega, provoca a sua destruição, e um número de mortes inúteis. É assim que este filme aponta, não a via anárquica da revolta criminosa, mas as contradições que conduziram a essa revolta inoperante. Não desperta o crime mas a reflexão (3).

A. COSTA: — Note-se que Clyde e Bonnie começam por comportar-se como dois adolescentes desejosos de superar a sua frustração e o seu passado de miséria, fartos de uma vida sem horizontes, mísera e mesquinha (2).

BRANCA MATOS SILVA: — Não sabendo de que maneira viver *de facto* no meio de tudo o que os rodeia, *saem*, por meio de violência instintiva, duma sociedade que os não recebe (1).

J. T. MENDONÇA: — Mais: Bonnie e Clyde não são o protótipo dos criminosos desgraçados que foram empurrados para aquela vida mercê das duras circunstâncias quotidianas. Pelo contrário, são eles que, no princípio do filme, escolhem o seu género de vida — assaltar bancos. Mas o seu objectivo inicial é apenas esse e não matar. Não são portanto monstros patológicos ou máquinas de matar à James Bond. São forçados a matar pelo desenrolar dos acontecimentos e não ficam insensíveis à morte (3).

A. COSTA: — Clyde ama a vida desesperadamente. O seu sonho é a liberdade (ou a libertação) a qualquer preço. Ambos querem «ser alguém» (eles dizem quem são, quando cometem um assalto, para que se saiba que foram eles, para que se fale deles; serão campeões na audácia e na fuga... todo o americano quer ser campeão de qualquer coisa). Não tendo perspectivas, optam (também um bocadinho por vingança e por raiva) por caminhos que julgam mais fáceis e mais rápidos... pois subir depressa é também ambição de todo o americano (2).

J. T. MENDONÇA: — Mas os grandes crimes, entretanto, trazem maiores recompensas: as grandes organizações criminosas americanas que exploram a prostituição, o contrabando, os estupefacientes, o vício, que eliminam todos os opositores e conseguem escapar das malhas legais através de grandes recursos financeiros e dos subterfúgios dos advogados, essas não assaltam bancos, antes depositam nele o *seu* dinheiro (3)...

AFONSO CAUTELA: — Não se esqueça a ironia dramática que percorre os diálogos do filme: quando Clyde tenta demover Bonnie de o seguir, porque vão «ter muitos sarilhos», ela, com um sorriso cúmplice que é toda uma declaração de amor, responde com uma pergunta: «Prometes (4)?»

A. COSTA: — Clyde mostra-lhe as portas da Aventura. (Seja o que for, é melhor do que o tédio que já não pode suportar mais). Por elas se lança sem hesitar nem reflectir (2).

A. CAUTELA: — Quando ela, cansada de tiros, sonha (na cama mais casta que filme algum jamais teve a coragem de mostrar) o que poderiam fazer se fosse possível refazer tudo e, *limpos* renascer de novo para a vida, ele, numa ironia amarga, responde: «Gostaria de fazer os assaltos num estado e viver, *limpo*, em outros» (4)...

BRANCA M. SILVA: — Numa sociedade «diferente» não orientariam, Bonnie e Clyde, a vontade de «mudar de vida» que eles tinham, duma maneira diferente (1)?

LAURO ANTÓNIO: — Bonnie e Clyde personificam a falência dum *humanismo* que os tornou reais. E eles, e ainda todos os outros que os rodeiam, os perseguem, prendem, auxiliam, encobrem ou matam, todos compõem o retrato de uma nação, de um povo, de uma época. E Penn vai até à minúcia, esgravata documentação do impossível, e descobre, para além do retrato, também a respiração, as veias, o sangue que corria na América de 30 (5).

A. CAUTELA: — Esses eram tempos difíceis mas tão semelhantes à actualidade que, mais do que a sua génese, são a sua confirmação (4).

VASCO GRANJA: — Com efeito. Dificilmente haverá uma sociedade no momento presente onde o desprezo pela vida alheia seja maior do que na América do Norte. Por este motivo, porque devemos admirarmo-nos quando um cineasta talentoso como A. Penn nos dá um corajoso testemunho de uma sociedade doente (6).

JOSÉ RÉGIO: — Entretanto, julgo que adequadamente virá aqui certa declaração do presidente F. D. Roosevelt: «O fortalecimento da lei e o extermínio dos «gangsters» não poderá ser completamente eficiente enquanto uma parte do público aceitar com tolerância criminosos reconhecidos e aplaudir certos esforços para romantizar o crime (7).

J. T. MENDONÇA: — Antes de mais, «B. e C.» não se refere às tais grandes associações criminosas que lutam quase de igual para igual com a polícia, mas a uma pequena quadrilha sem recursos. Em segundo lugar, não apresenta os «gangsters» como os maus da fita e os polícias como os bons. Não. Tanto polícias como «gangsters» são pessoas tal como a realidade as apresenta: lutando pelos seus objectivos e possuindo uma mentalidade deformada em favor desses objectivos. Uns pretendem assaltar bancos, outros pretendem fazer cumprir as regras da sociedade, outros pretendem receber os prémios de captura, outros ainda pretendem salvar um filho e livrar-se de hóspedes indesejáveis (3)...

ANTÓNIO DE MACEDO: — «B. e C.» é um filme muito bem construído, e muito bem reconstruído. Curiosamente, consegue ser violento sem ser sádico (1).

J. T. MENDONÇA: — Por outro lado, mostra que a vida diária íntima do bando está rodeada de pequenos problemas que são comuns a todas as pessoas; as discussões, a inveja, o desejo, o carinho, o sentimentalismo, o medo. Portanto destrói o carácter patológico, individual, excepcional, da criminalidade. Dá-lhe uma dimensão humana, isto é, social (3).

A. CAUTELA: — Que uma autenticidade de sentimentos tão-pouco convencionais, tão-pouco segundo as regras do erotismo «made in Hollywood», tão rebeldes também à moral triunfante, apareça em tal filme, é o outro meio caminho andado para explicar a sua superior qualidade e os favores que um público vasto mas bem definido (lúcidos jovens destes tempos de horror!) lhe estão a tributar em todo o mundo (4).

A. COSTA: — Bonnie e Clyde... Não podemos, bem sei, absolvê-los. Mas alguma coisa há, sem dúvida, que condenar primeiro (2)...

PINTO DA COSTA

(1) A Capital, de 23/2/68; (2) O Comércio do Porto, de 9/7/68; (3) A Capital, de 13/3/68; (4) O Comércio do Porto, de 15/3/68; (5) Diário de Lisboa, de 7/2/68; (6) O Comércio do Porto, de 2/2/68; (7) A Capital, de 24/4/68.

RESPOSTA SUAVE

Continuação da primeira página

com o meu exemplo de cidadão, de director, de artista ou de simples sócio? Porventura estarão minhas mãos sujas de qualquer nódoa — de qualquer, entendam bem! — que me desonre, na minha vida pública, privada ou cetista?

Quantas vezes (e bem sabeis dos prejuízos morais, físicos e materiais que isso me trouxe), quantas vezes a minha intervenção salvou o CETA duma iminente má reputação? Será necessário descrevê-las?

E sois vós — e é você, muito principalmente você, meu caro Idalécio Cação, que foi o único a subscrevê-lo — que vindes, para a feira do mundo, trazer ao alti-falante da Imprensa um COMUNICADO cheio de injustiças, envergonhando assim uma pessoa respeitável (porque o sou pelo meu comportamento social e pelo meu trabalho no Círculo!), lançando-me ao rosto a lama que tinheis mais à mão!

Estou a falar muito a sério, e todos sabeis que não preciso de mentir ou desrespeitar os outros, para defender a minha dignidade. E para isso descerei até à última das verdades.

Finalmente, e só para Idalécio Cação, que teve a infeliz (e leviana, quero crer) iniciativa de assinar (só ele!!!) o pedido de publicação do COMUNICADO (que eu debalde lhe pedi, pessoalmente, para suspender), quero dizer duas palavras amargas mas ainda assim amigas e justas: — Você, pela integridade do seu carácter e pelas suas responsabilidades intelectuais (que as tem, e muitas), nunca, por nunca ser, deveria deixar-se escolher para JUIZ da causa onde era RÉU.

Também o censuro por ter enviado para a minha terra, para ser publicado no semanário, o ridículo — eu chamo-lhe assim — COMUNICADO. Que diabo, meu amigo, há coisas que nem sabemos explicar! E queimam para sempre...

Uma coisa me satisfaz: — as minhas opiniões, que o Comunicado diz serem totalmente opostas aos legítimos interesses da colectividade estão presentemente a ser consideradas ou seguidas pela Direcção do CETA: — os trabalhos de arranque para a consecução do Teatro do Bolso vão iniciar-se brevemente.

Boa notícia. Era por aí, como sempre tenho escrito no «Litoral», que deveria ter começado. Não registei patente, mas podíeis ter uma palavra de agradecimento. Alguma coisa começou, finalmente, de construtivo! Uma «calamidade» nem sempre é nefasta!

E sobre HOMENS? O Comunicado é omisso?

Ou talvez não seja omisso... — sei lá!

BARTOLOMEU CONDE

P. S. — Procurei nos meus termos, não transgredir o parágrafo único do artigo 3.º, do Comunicado do CETA. Tê-lo-ei conseguido?

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	OUDINOT
Domingo	NETO
2.ª feira	MOURA
3.ª feira	CENTRAL
4.ª feira	MODERNA
5.ª feira	ALA
6.ª feira	M. CALADO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PELO HOSPITAL

— HOMENAGEM A TRÊS ENFERMEIRAS

Três religiosas que prestam serviço de enfermagem no Hospital de Santa Joana Princesa frequentaram, em Coimbra, na Maternidade Dr. Daniel de Matos, um curso que as habilitou como parteiras.

Exprimindo-lhes o seu regozijo pelos bons resultados obtidos, e salientando as vantagens que resultam da preparação profissional que obtiveram para o estabelecimento hospitalar em que prestam dedicados serviços, o Provedor da Santa Casa da Misericórdia, sr. Comendador Egas Salgueiro, e os clínicos da especialidade srs. Dr. Fernando Moreira Lopes, Dr. Jorge Leite da Silva, Dr. Manuel Rebelo Soares e Dr. Fernando Álvares prestaram singela homenagem àquelas três religiosas, irmãs Maria, Maria de Fátima e Emília.

— ACESSO AO BANCO

A Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia mandou proceder à asfaltagem da artéria que vai do portão de entrada do Hospital até ao Banco de Socorros — obra de flagrante interesse, quer por permitir um acesso mais fácil, quer por evitar a formação de poeiras, sempre inconvenientes.

DA PESCA DO BACALHAU

Provenientes dos mares da Terra Nova e Gronelândia, após uma campanha bastante frutuosa — como, de resto, e felizmente, tem sucedido à generalidade dos navios da frota aveirense —, chegaram aos seus ancoradouros, na Gafanha, os bacalhoeiros «Santa Isabel» e «Aida Peixoto».

O primeiro, além de peixe congelado e óleo de fígado de bacalhau, traz nos porões cerca de vinte mil quintais do «fiel amigo»; o segundo vem com carga superior a dezoito mil quintais.

Dias depois, entrou também a barra o navio «Lutador», com perto de vinte mil quintais de bacalhau fresco, e o arrastão «Bissaia Barreto», da praça da Figueira da Foz.

REUNIÃO DE ANTIGOS ALUNOS DO LICEU

Mantendo com inteira regularidade o seu encontro anual de confraternização, reuniram-se uma vez mais, nesta cidade, no último domingo, os antigos estudantes do Liceu de Aveiro, que foram primeiranistas no ano lectivo de 1914-1915.

Recordando os tempos da sua entrada para o Liceu, pondo em relevo o significado da reunião em que tão gratamente se reavivaram laços de antiga estima e evocando saudosamente os condiscípulos desaparecidos, usaram da palavra os srs. Manuel Campos, José Lopes Rodrigues, D. Maria da Apresentação Nordeste, Dr. Aníbal Catarino Nunes e Dr. António Simões de Pinho.

Por último, falou o sr. Dr. Agostino de Sousa, único sobrevivente dos professores daquele curso, enaltecendo o sentido de espiritualidade da reunião.

O curso, que resolveu festejar, também em Aveiro, no próximo ano, o 55.º aniversário da sua entrada para o Liceu, decidiu criar um prémio escolar permanente, a atribuir ao melhor aluno de cada ano lectivo, na classe com que se iniciou o curso liceal.

«Teatro», «Pintura», e... AVEIRO ?

Continuação da primeira página

da duma fogueira que, já por demais atiçada, acabará por consumir gregos e troianos.

— Não será tudo isto simples piromania ? Ou é que será apenas pirotecnia ?...

E insistimos que é pena, porque se monopolizam quase as principais páginas de um jornal, durante semanas, ante o benevolente e paternal beneplácito do seu ilustre Director, não logrando deixar um espaço capaz para tratar um sério assunto, que a todos preocupa, mas de que ninguém se ocupa ! — Aveiro !

Não vá supor-se que somos contra a Arte e os seus problemas ! — De maneira nenhuma ! Pelo contrário, concordamos que toda a Arte (com os seus problemas) deve ser acarinhada, incentivada, divulgada. E no nosso caso de Aveiro, são dignas de aplauso, de incondicional apoio, de franco apreço, todas as iniciativas e tentativas, algumas das quais têm logrado assinalados êxitos, que impõem, portanto, uma continuidade sã, para que se faça cada vez mais e melhor, por uma Arte de merecimento, uma Arte válida, que nos transmita, que nos legue a verdadeira Mensagem.

Mas, porque tudo tem um limite, nada pior, mais deplorável, do que esbanjar palavras sem proveito aparente, quando elas poderiam ser aplicadas na defesa de um sem número de problemas que assoberbam a nossa terra, problemas que urge debater, que se torna indispensável tratar, porque da sua resolução mais acertada brotarão infalivelmente os frutos que hão-de beneficiar todos os sectores, incluindo a própria Arte. De resto, em nada aproveita a Arte com intérpretes desta craveira, com arautos desta estirpe. Como escola que é, impõe princípios que é forçoso respeitar.— Ou é que será *arte moderna ?*...

Por isso mesmo, e se nos dão licença (e estão de acordo !) os nossos leitores, permitimo-nos apelar aqui, para que os «actores» e os «pintores» representem e pintem algo de mais proveitoso, guardando para os bastidores e estúdios a discussão dos seus problemas, para depois, e em comum e uníssono parecer, os proporem pùblicamente, com a legitimidade que lhes assiste.

— Não seria assim muito mais aceitável e benéfico ? Cremos bem que sim. E por tal forma, e em conclusão, nos permitimos apelar para a inteligência e o intelecto de todos, para evitar se desperdice talento e labor com futilidades, bombardeando-nos sistemática e semanalmente com os mesmos estribilhos, como se estivéssemos em pleno Vietname !

— Será surto de desenvolvimento ou marasmo que actualmente Aveiro atravessa ?

Escreva-se, inquira-se, auscultem-se opiniões, peçam-se sugestões e alvitres, numa campanha de bem servir os autênticos interesses deste burgo milenário, dotado prodigamente pela Natureza e tão mal aproveitado pelo Homem !

Deixemo-nos de polémicas ocas, mal cheirosas, e debrucemo-nos no espelho cristalino que nos cerca, pois é ali que tristemente se reflecte o ostracismo que os aveirenses votam aos problemas da sua terra — da nossa querida Cidade.

Nada de «teatro», nem de «pintura». — Apenas a justa medida, e Aveiro acima de Tudo.

AMADEU DE SOUSA

Nota — Lemos o comunicado do CETA já depois de termos escrito estas linhas. Congratulamo-nos com o facto, pois vem de encontro à nossa maneira de ver. É assim mesmo. — A. S.

ACIDENTES DE VIAÇÃO

— AUTOMOBILISTA ACOMETIDO DE INSOLAÇÃO

Junto à Rua das Pombas, e por efeito do calor intenso que se tem feito sentir, foi acometido de insolação o automobilista sr. Artur Lemos, de 32 anos, de Fermentelos, que vinha do Porto para esta cidade, em 19 do mês findo.

Felizmente, ainda conseguiu encostar o carro, antes de desfalecer. Os agentes do Posto da P. V. T., situado perto daquele local, depois de avisados do sucedido, conduziram o sr. Artur de Lemos ao Hospital de Santa Joana Princesa, onde foi reanimado. Mais tarde, completamente refeito, seguiu viagem para sua casa.

— CICLISTA COLHIDO POR UM CAMIÃO

Na madrugada da penúltima quinta-feira, ocorreu mais um acidente na estrada-variante : um camião, pertencente à firma José Luís Gama, de Lisboa, atropelou o ciclista sr. José de Lemos Marques Rodrigues, de 22 anos, da Base Aérea de S. Jacinto, que circulava na estrada Taboeira-Esgueira, montado numa bicicleta.

Transportado ao Hospital de Santa Joana Princesa, o ciclista teve de ficar internado, em estado de choque, com várias escoriações e com o pé direito esmagado.

— MENOR ATROPELADO

No mesmo dia, no lugar de Mamodeiro, o menor António Timóteo Henriques Camões, de 16 anos, residente no Carregal (Requeixo), foi atropelado por um automóvel ligeiro, conduzido pelo sr. António Vieira dos Santos Carlos, morador na Quinta do Simão, em Esgueira.

Foi conduzido ao Hospital de Santa Joana Princesa, nesta cidade, onde ficou internado, com várias contusões pelo corpo.

— CICLOMOTORISTA ATROPELADO MORTALMENTE

No cruzamento da estrada n.º 109 com a estrada de Águeda, colidiram um ciclomotor, em que seguia o sr. Manuel Gomes Henriques, de 22 anos, casado, motorista, residente em Belazaima do Chão (Águeda), e um automóvel ligeiro, conduzido pelo sr. Vítor Manuel Bessa de Melo, de 21 anos, natural de Cesar (Oliveira de Azeméis), que se dirigia à Figueira da Foz, onde está a cumprir o serviço militar no Regimento de Artilharia Pesada n.º 3.

Em consequência dos ferimentos que sofreu, o inditoso ciclomotorista veio a falecer no Hospital de Santa Joana Princesa, para onde fora transportado após o acidente.

ACIDENTE DE TRABALHO

Quando trabalhavam nas obras do Matadouro Regional, os operários srs. António Melo Gonçalves Pereira, de 32 anos, e José Rodrigues Lopes, de 21 anos, cairam de um andaime e tiveram de ser socorridos no Hospital de Santa Joana Princesa, para onde foram transportados.

O Gonçalves Pereira sofreu diversos ferimentos, de pouca gravidade; mas o Rodrigues Lopes, menos afortunado, sofreu forte contusão toráxica e fracturou os ossos da bacia, pelo que teve de ficar internado.

CONSERVATÓRIO REGIONAL

Terminaram já nesta cidade, os exames finais dos alunos do Conservatório Regional de Aveiro, efectuados, conforme se anunciou, perante um Júri constituído por professores do Conservatório Nacional, de Lisboa.

Esse Júri, formado pelos professores Campos Coelho, D. Arminda Correia, D. Lídia de Carvalho, Artur Santos e Carlos Manaças, atribuiu as seguintes classificações (aprovações):

Solfejo — Ana Maria Figueiredo Feio, António Manuel Ferreira Simões Vieira, Celeste Maria de Oliveira Tavares, Fernando Raino Valente (16 valores), Francisco Manuel da Silva Paulo, Luís Manuel da Silva Paulo, Luís Manuel Branco Lopes (16 valores) e Maria Adelina Nogueira Valente (17 valores). *3.º Ano de Solfejo* — Fernando Rainho Valente (17 valores). *3.º Ano de Clarinete* — Fernando Rainho Valente (17 valores). *3.º Ano Geral de Piano* — Francisco Miguel Branco Lopes (16 valores), Maria Helena Marques do Amaral, Maria Paula da Silva Paulo (17 valores), e Matilde da Silva Gomes. *2.º Ano Superior de Canto* — Maria Leonor de Serpa Pimentel da Costa Lima (16 valores). *3.º Ano Superior de Violino* — Fernando Eldoro Augusto de Freitas.

ACTO CONDENÁVEL

Na estrada para a Lota, diante do edifício da Casa dos Pescadores, ergue-se um monumento (ainda incompleto) ao heróico e abnegado arrais José Rabumba, «O Aveiro», mandado erigir pelo Rotary Clube de Aveiro.

Chamaram a nossa atenção, há dias, para o facto de terem sido arrancadas duas das letras de metal na inscrição do monumento. Verificámos, nós também, que assim sucedera — e profundamente lamentamos o ocorrido, por se tratar dum acto condenável, a reclamar punição para o autor da «proeza».

10.º ANIVERSÁRIO DO SINDICATO DOS TIPÓGRAFOS

O Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro celebra, amanhã, o décimo aniversário da sua fundação, com as seguintes cerimónias:

Às 9 horas — Na igreja da Vera-Cruz, missa por alma dos sócios falecidos. *Às 10 horas* — Passeio de lancha na Ria de Aveiro. *Às 13 horas* — No Restaurante Galo d'Ouro, almoço de confraternização, a que presidirá o Delegado em Aveiro do I. N. T. P., sr. Dr. Fernando Ruy Corte-Real Amaral.

CURSO DE FORMAÇÃO AGRÍCOLA

Sob orientação do sr. Eng.º-agrónomo Carlos Maia, está a decorrer, na Colónia Agrícola da Gafana da Nazaré, um curso de formação agrícola, que reune vinte candidatos de vários pontos do Distrito.

O curso terminará em Setembro. Engloba trabalhos práticos e aulas teóricas de várias disciplinas, entre elas matemática e contabilidade agrícola.

PERDEU-SE

1 colchão de ar de cor vermelha e 1 manta listada, na estrada Aveiro — Ílhavo — Vagos.

Agradece-se a sua entrega na Secretaria do Liceu de Aveiro.

CURSO DE CONSTRUTOR CIVIL

Estão a realizar-se os exames de admissão ao Curso de Construtor Civil, para os candidatos habilitados com a quarta classe.

As matrículas, para os candidatos habilitados com um curso Industrial afim, efectuam-se de 11 a 20 de Agosto, na Secretaria da Escola Industrial e Comercial de Aveiro.

INCORPORAÇÃO DE 1 700 RECRUTAS

No centro de Instrução Básica que funciona no Regimento de Infantaria n.º 10, nesta cidade, foram incorporados, na semana que hoje termina, 1 700 mancebos.

São os recrutas da terceira incorporação do ano em curso, que vêm receber em Aveiro o primeiro período de instrução elementar.

A «SEREIA» TOCOU...

Cerca das 10.45 horas da penúltima sexta-feira, deflagrou um incêndio nas Quintãs, em duas medas de trigo, pertencentes ao sr. Manuel Soares Claro.

Os bombeiros das duas corporações citadinas compareceram no local e conseguiram extinguir as chamas, evitando que o sinistro se propagasse a outras dependências.

SEMINARISTAS EM FÉRIAS

Acompanhados pelo Rev.º Padre Valdemar Alves da Costa, Vice-Reitor do Seminário de Santa Joana Princesa, estiveram em Sever do Vouga, num campo de férias, os alunos deste estabelecimento de ensino aveirense.

CONCURSO «O MEU GÁS É BUTAGAZ»

Segundo o Regulamento deste concurso, que a Agência Comercial Ria, L.da levou a efeito de 1 de Novembro de 1967 a 15 de Janeiro de 1968, os prémios que, porventura, não fossem levantados até 30 de Abril do ano corrente seriam entregues às Autoridades locais, que promoveriam o seu aproveitamento no sentido de que os mesmos viessem a reverter a favor de instituições de beneficência de Aveiro.

Nessa conformidade a A. C. Ria, L.da colocou à disposição do Excelentíssimo Senhor Governador Civil um frigorífico, um fogão e três fogareiros a gás que, por sugestão do mesmo, foram entregues às «Florinhas do Vouga», simpática instituição de caridade da nossa cidade.

OPERAÇÃO «STOP»

No dia 26 de Julho findo, entre as 9 e as 12 horas, a Secção de Espinho e o Posto de S. João da Madeira do Comando Distrital de Aveiro da P. S. P. efectuaram uma operação «stop», durante a qual inspeccionaram 2 037 veículos.

Foram levantados 17 autos, por transgressões diversas.

MOTORIZADA ABANDONADA

Foi entregue no Posto da G. N. R. de Bustos uma motorizada que aparecera abandonada na via pública.

A viatura não tem qualquer chapa de identificação, e apenas poderá ser referenciada pela marca do motor «Zundapp», com o número 3331968. Está pintada de vermelho e creme e apareceu em bom estado de conservação.

FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

AVISO

CONCURSO MÉDICO

Está aberto concurso documental de provimento por 20 dias, com início em 31 de Julho de 1968 para médicos de Clínica Médica da Delegação Clínica de Vista Alegre, devendo a documentação ser entregue na Zona Centro — Rua Antero de Quental, 180-184 — Coimbra ou na Sede — Avenida Manuel da Maia, 58 - 2.º - Esq.º — Lisboa, até às 18 horas do dia 19 de Agosto do ano em curso.

As condições de admissão encontram-se patentes na Zona Centro Sede e Delegação referida.

Lisboa, 23 de Julho de 1968

A DIRECÇÃO

João Pinto Lona Peres

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

A Família do saudoso extinto participa a todas as pessoas das suas relações que no próximo dia 7, pelas 19.15 horas, será celebrada Missa de Sufrágio por sua alma na Igreja da Vera-Cruz.

cartões de Visita

FAZEM ANOS :

Hoje, 3 — *As sr.as D. Susette Biscaia Homem de Melo do Amaral Frazão, esposa do sr. Paulo Augusto Homem de Melo do Amaral Frazão, D. Maria Filomena do Vale Guimarães e Olieira e Prof.ª D. Maria do Céu Ferreira da Cunha, e o sr. Artur Seabra de Oliveira.*

Amanhã, 4 — *Os srs. Adriano Domingues Vital, António Nunes da Rocha, António Eduardo Horta Azevedo, Domingos Cordeiro e João da Cunha Guimarães, a menina Ana Deolinda, filha do sr. Dr. Vieira Resende, e o menino Artur Manuel, filho do sr. Tenente-Coronel Alves Moreira.*

Em 5 — *As sr.as D. Encarnação Ferreira Guedes Pinto, esposa do sr. Dr. Ernesto Guedes Pinto, e D. Maria Odete Santos Castro, esposa do sr. Manuel dos Santos Neves, e os srs. João Lourenço Rodrigues Lima, Raúl Pinho Ferreira da Maia e Dr. Pedro Augusto Ferreira.*

Em 6 — *As sr.as D. Maria da Luz Andias Limas, esposa do sr. Ricardo das Neves Limas, e D. Rosa das Dores Salgado, e os srs. Dr. Romão Machado, Francisco de Almeida da Cruz e Sousa, Adérito Mendes Seabra de Oliveira, Henrique Pinho de Almeida e João Moreira.*

Em 7 — *As sr.as D. Maria Preciosa Resende Andias, esposa do sr. Francisco Andias, e D. Manuela Correia de Matos Leiria, esposa do sr. Joaquim José Leiria, e a menina Rosa Maria, filha do sr. Dr. Ernesto Guedes Pinto.*

Em 8 — *A sr.ª D. Felismina da Rocha Nunes, esposa do sr. José Augusto Ferreira Nunes, os srs. José Luís Rodrigues da Silva e Alcino da Conceição Venceslau, as meninas Conceição Maria, filha do sr. Jaime Gadim Limas, e Maria Fernanda, filha do sr. Manuel Pereira Melo, e o menino Raúl Pinho Ferreira da Maia, fiho do sr. Fernando Ferreira da Maia.*

Em 9 — *A sr.ª D. Maria Júlia de Freitas Raposo, esposa do sr. Dr. João Raposo, e os srs. Francisco de Oliveira Ferreira Júnior e António Ferreira Estima Rino.*

CASAMENTO

Na igreja do Hospital, em Fátima, uniram-se pelo matrimónio, no dia 20 de Julho, a sr.ª D. Maria Eugénia Côrte-Real Vieira de Meireles, natural de Mouriz, Paredes (Douro), filha da sr.ª D. Maria Eugénia Côrte-Real Vieira de Meireles e do saudoso Coronel-Médico José Firmino Vieira de Meireles, com o sr. Vítor Manuel Mano Gomes, de Ílhavo, Inspector do Comissariado do Turismo, filho da sr.ª D. Felicidade Mano Gomes e do nosso bom amigo Dr. Victor Manuel Machado Gomes, distinto advogado e dinâmico Presidente do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo.

Foi celebrante o Rev.º Padre Carlos Marques, amigo da família do noivo, e serviram de padrinhos: pela noiva, seu irmão Vasco e sua mãe; e, pelo noivo, seus tios, sr.ª D. Silvina Mano Sá Marques e marido, sr. Eng.º Fernando Sá Marques.

Ao novo lar desejamos as maiores felicidades

NASCIMENTOS

Na Clínica de Santa Joana, nasceram, no passado dia 18, dois gémeos ao casal da sr.ª D. Maria Vitória Filipe Peres Monteiro e do sr. Francisco José da Silva Peres Monteiro, Adjunto do Chefe de Serviços do G. E. T. E. da Companhia Portuguesa de Celulose.

Os neófitos vão ser baptizados com os nomes de João Nuno e Paulo Alexandre.

★

Em 21 de Julho findo, nasceu, no Hospital de Santa Joana, o sétimo filho ao casal da distinta professora do Ensino Técnico e nossa apreciada colaboradora sr.ª Dr.ª Dulce Souto e de seu marido, o ilustre advogado desta comarca sr. Dr. Paulo Catarino.

Ao menino, que é o quinto varão na descendência do conceituado lar aveirense, vai ser dado o nome de Nuno Pedro.

Os nossos parabéns

CÂNDIDO TELES

Acompanhado de sua gentilíssima esposa, esteve em Aveiro, na penúltima semana, o nosso bom amigo Tenente-Coronel Cândido Teles, Chefe do Estado Maior da III Região Militar e distinto artista plástico.

TENENTE JOAQUIM DUARTE

Foi há pouco promovido ao seu actual posto o nosso dedicado colaborador Tenente-aviador Joaquim Nunes Duarte, actualmente a prestar serviço na Base da Ota.

ALBERTO MENDONÇA E SILVA

Foi recentemente nomeado Tesoureiro do Banco de Portugal e colocado na Agência de Viseu o nosso bom amigo sr. Alberto Carlos de Mendonça e Silva, que, durante vinte e sete anos, prestou serviço na Agência de Aveiro, com muito aprumo, zelo e competência.

ZÉ PENICHEIRO

Esteve em Aveiro, na passada terça-feira, o distinto artista plástico Zé Penicheiro, apreciado colaborador do Litoral e nosso bom amigo.

CORONEL EVANGELISTA BARRETO

De férias, encontra-se nesta cidade o distinto militar e nosso bom amigo sr. Coronel Evangelista de Oliveira Barreto, antigo Comandante do Regimento de Infantaria n.º 10, que se encontra em missão de soberania na Província de Moçambique.

DR. JOÃO GAIOSO HENRIQUES

Vimos em Aveiro o sr. Dr. João Gaioso Henriques, distinto Médico-Radiologista em Luanda, que, com sua esposa e filhos, veio passar merecidas férias à Metrópole.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	OUDINOT
Domingo	NETO
2.ª feira	MOURA
3.ª feira	CENTRAL
4.ª feira	MODERNA
5.ª feira	ALA
6.ª feira	M. CALADO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PELO HOSPITAL

— HOMENAGEM A TRÊS ENFERMEIRAS

Três religiosas que prestam serviço de enfermagem no Hospital de Santa Joana Princesa frequentaram, em Coimbra, na Maternidade Dr. Daniel de Matos, um curso que as habilitou como parteiras.

Exprimindo-lhes o seu regozijo pelos bons resultados obtidos, e salientando as vantagens que resultam da preparação profissional que obtiveram para o estabelecimento hospitalar em que prestam dedicados serviços, o Provedor da Santa Casa da Misericórdia, sr. Comendador Egas Salgueiro, e os clínicos da especialidade srs. Dr. Fernando Moreira Lopes, Dr. Jorge Leite da Silva, Dr. Manuel Rebelo Soares e Dr. Fernando Álvares prestaram singela homenagem àquelas três religiosas, irmãs Maria, Maria de Fátima e Emília.

— ACESSO AO BANCO

A Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia mandou proceder à asfaltagem da artéria que vai do portão de entrada do Hospital até ao Banco de Socorros — obra de flagrante interesse, quer por permitir um acesso mais fácil, quer por evitar a formação de poeiras, sempre inconvenientes.

DA PESCA DO BACALHAU

Provenientes dos mares da Terra Nova e Gronelândia, após uma campanha bastante frutuosa — como, de resto, e felizmente, tem sucedido à generalidade dos navios da frota aveirense —, chegaram aos seus ancoradouros, na Gafanha, os bacalhoeiros «Santa Isabel» e «Aida Peixoto».

O primeiro, além de peixe congelado e óleo de fígado de bacalhau, traz nos porões cerca de vinte mil quintais do «fiel amigo»; o segundo vem com carga superior a dezoito mil quintais.

Dias depois, entrou também a barra o navio «Lutador», com perto de vinte mil quintais de bacalhau fresco, e o arrastão «Bissaia Barreto», da praça da Figueira da Foz.

REUNIÃO DE ANTIGOS ALUNOS DO LICEU

Mantendo com inteira regularidade o seu encontro anual de confraternização, reuniram-se uma vez mais, nesta cidade, no último domingo, os antigos estudantes do Liceu de Aveiro, que foram primeiranistas no ano lectivo de 1914-1915.

Recordando os tempos da sua entrada para o Liceu, pondo em relevo o significado da reunião em que tão gratamente se reaviváram laços de antiga estima e evocando saudosamente os condiscípulos desaparecidos, usaram da palavra os srs. Manuel Campos, José Lopes Rodrigues, D. Maria da Apresentação Nordeste, Dr. Aníbal Catarino Nunes e Dr. António Simões de Pinho.

Por último, falou o sr. Dr. Agostino de Sousa, único sobrevivente dos professores daquele curso, enaltecendo o sentido de espiritualidade da reunião.

O curso, que resolveu festejar, também em Aveiro, no próximo ano, o 55.º aniversário da sua entrada para o Liceu, decidiu criar um prémio escolar permanente, a atribuir ao melhor aluno de cada ano lectivo, na classe com que se iniciou o curso liceal.

«Teatro», «Pintura», e... AVEIRO ?

Continuação da primeira página

da duma fogueira que, já por demais atiçada, acabará por consumir gregos e troianos.

— Não será tudo isto simples piromania ? Ou é que será apenas pirotecnia ?...

E insistimos que é pena, porque se monopolizam quase as principais páginas de um jornal, durante semanas, ante o benevolente e paternal beneplácito do seu ilustre Director, não logrando deixar um espaço capaz para tratar um sério assunto, que a todos preocupa, mas de que ninguém se ocupa : — Aveiro !

Não vá supor-se que somos contra a Arte e os seus problemas ! — De maneira nenhuma ! Pelo contrário, concordamos que toda a Arte (com os seus problemas) deve ser acarinhada, incentivada, divulgada. E no nosso caso de Aveiro, são dignas de aplauso, de incondicional apoio, de franco apreço, todas as iniciativas e tentativas, algumas das quais têm logrado assinalados êxitos, que impõem, portanto, uma continuidade sã, para que se faça cada vez mais e melhor, por uma Arte de merecimento, uma Arte válida, que nos transmita, que nos legue a verdadeira Mensagem.

Mas, porque tudo tem um limite, nada pior, mais deplorável, do que esbanjar palavras sem proveito aparente, quando elas poderiam ser aplicadas na defesa de um sem número de problemas que assoberbam a nossa terra, problemas que urge debater, que se torna indispensável tratar, porque da sua resolução mais acertada brotarão infalìvelmente os frutos que hão-de beneficiar todos os sectores, incluindo a própria Arte. De resto, em nada aproveita a Arte com intérpretes desta craveira, com arautos desta estirpe. Como escola que é, impõe princípios que é forçoso respeitar.— Ou é que será *arte moderna* ?...

Por isso mesmo, e se nos dão licença (e estão de acordo !) os nossos leitores, permitimo-nos apelar aqui, para que os «actores» e os «pintores» representem e pintem algo de mais proveitoso, guardando para os bastidores e estúdios a discussão dos seus problemas, para depois, e em comum e uníssono parecer, os proporem pùblicamente, com a legitimidade que lhes assiste.

— Não seria assim muito mais aceitável e benéfico ? Cremos bem que sim. E por tal forma, e em conclusão, nos permitimos apelar para a inteligência e o intelecto de todos, para evitar se desperdice talento e labor com futilidades, bombardeando-nos sistemática e semanalmente com os mesmos estribilhos, como se estivéssemos em pleno Vietname !

— Será surto de desenvolvimento ou marasmo que actualmente Aveiro atravessa ?

Escreva-se, inquira-se, ausculte-se opiniões, peçam-se sugestões e alvitres, numa campanha de bem servir os autênticos interesses deste burgo milenário, dotado pròdigamente pela Natureza e tão mal aproveitado pelo Homem !

Deixemo-nos de polémicas ocas, mal cheirosas, e debrucemo-nos no espelho cristalino que nos cerca, pois é ali que tristemente se reflecte o ostracismo que os aveirenses votam aos problemas da sua terra — da nossa querida Cidade.

Nada de «teatro», nem de «pintura». — Apenas a justa medida, e Aveiro acima de Tudo.

AMADEU DE SOUSA

Nota — Lemos o comunicado do CETA já depois de termos escrito estas linhas. Congratulamo-nos com o facto, pois vem de encontro à nossa maneira de ver. É assim mesmo. — A. S.

ACIDENTES DE VIAÇÃO

— AUTOMOBILISTA ACOMETIDO DE INSOLAÇÃO

Junto à Rua das Pombas, e por efeito do calor intenso que se tem feito sentir, foi acometido de insolação o automobilista sr. Artur Lemos, de 32 anos, de Fermentelos, que vinha do Porto para esta cidade, em 19 do mês findo.

Felizmente, ainda conseguiu encostar o carro, antes de desfalecer. Os agentes do Posto da P. V. T., situado perto daquele local, depois de avisados do sucedido, conduziram o sr. Artur de Lemos ao Hospital de Santa Joana Princesa, onde foi reanimado. Mais tarde, completamente refeito, seguiu viagem para sua casa.

— CICLISTA COLHIDO POR UM CAMIÃO

Na madrugada da penúltima quinta-feira, ocorreu mais um acidente na estrada-variante : um camião, pertencente à firma José Luís Gama, de Lisboa, atropelou o ciclista sr. José de Lemos Marques Rodrigues, de 22 anos, da Base Aérea de S. Jacinto, que circulava na estrada Taboeira-Esgueira, montado numa bicicleta.

Transportado ao Hospital de Santa Joana Princesa, o ciclista teve de ficar internado, em estado de choque, com várias escoriações e com o pé direito esmagado.

— MENOR ATROPELADO

No mesmo dia, no lugar de Mamodeiro, o menor António Timóteo Henriques Camões, de 16 anos, residente no Carregal (Requeixo), foi atropelado por um automóvel ligeiro, conduzido pelo sr. António Vieira dos Santos Carlos, morador na Quinta do Simão, em Esgueira.

Foi conduzido ao Hospital de Santa Joana Princesa, nesta cidade, onde ficou internado, com várias contusões pelo corpo.

— CICLOMOTORISTA ATROPELADO MORTALMENTE

No cruzamento da estrada n.º 109 com a estrada de Águeda, colidiram um ciclomotor, em que seguia o sr. Manuel Gomes Henriques, de 22 anos, casado, motorista, residente em Belazaima do Chão (Águeda), e um automóvel ligeiro, conduzido pelo sr. Vitor Manuel Bessa de Melo, de 21 anos, natural de Cesar (Oliveira de Azeméis), que se dirigia à Figueira da Foz, onde está a cumprir o serviço militar no Regimento de Artilharia Pesada n.º 3.

Em consequência dos ferimentos que sofreu, o inditoso ciclomotorista veio a falecer no Hospital de Santa Joana Princesa, para onde fora transportado após o acidente.

ACIDENTE DE TRABALHO

Quando trabalhavam nas obras do Matadouro Regional, os operários srs. António Melo Gonçalves Pereira, de 32 anos, e José Rodrigues Lopes, de 21 anos, caíram de um andaime e tiveram de ser socorridos no Hospital de Santa Joana Princesa, para onde foram transportados.

O Gonçalves Pereira sofreu diversos ferimentos, de pouca gravidade; mas o Rodrigues Lopes, menos afortunado, sofreu forte contusão toráxica e fracturou os ossos da bacia, pelo que teve de ficar internado.

CONSERVATÓRIO REGIONAL

Terminaram já nesta cidade, os exames finais dos alunos do Conservatório Regional de Aveiro, efectuados, conforme se anunciou, perante um Júri constituído por professores do Conservatório Nacional, de Lisboa.

Esse Júri, formado pelos professores Campos Coelho, D. Arminda Correia, D. Lídia de Carvalho, Artur Santos e Carlos Manaças, atribuiu as seguintes classificações (aprovações):

Solfejo — Ana Maria Figueiredo Feio, António Manuel Ferreira Simões Vieira, Celeste Maria de Oliveira Tavares, Fernando Rainho Valente (16 valores), Francisco Manuel da Silva Paulo, Luís Manuel da Silva Paulo, Luís Manuel Branco Lopes (16 valores) e Maria Adelina Nogueira Valente (17 valores). *3.º Ano de Solfejo* — Fernando Rainho Valente (17 valores). *3.º Ano de Clarinete* — Fernando Rainho Valente (17 valores). *3.º Ano Geral de Piano* — Francisco Miguel Branco Lopes (16 valores), Maria Helena Marques do Amaral, Maria Paula da Silva Paulo (17 valores), e Matilde da Silva Gomes. *2.º Ano Superior de Canto* — Maria Leonor de Serpa Pimentel da Costa Lima (16 valores). *3.º Ano Superior de Violino* — Fernando Eldoro Augusto de Freitas.

ACTO CONDENÁVEL

Na estrada para a Lota, diante do edifício da Casa dos Pescadores, ergue-se um monumento (ainda incompleto) ao heróico e abnegado arrais José Rabumba, «O Aveiro», mandado erigir pelo Rotary Clube de Aveiro.

Chamaram a nossa atenção, há dias, para o facto de terem sido arrancadas duas das letras de metal na inscrição do monumento. Verificámos, nós também, que assim sucedera — e profundamente lamentamos o ocorrido, por se tratar dum acto condenável, a reclamar punição para o autor da «proeza».

10.º ANIVERSÁRIO DO SINDICATO DOS TIPÓGRAFOS

O Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro celebra, amanhã, o décimo aniversário da sua fundação, com as seguintes cerimónias:

Às 9 horas — Na igreja da Vera-Cruz, missa por alma dos sócios falecidos. *Às 10 horas* — Passeio de lancha na Ria de Aveiro. *Às 13 horas* — No Restaurante Galo d'Ouro, almoço de confraternização, a que presidirá o Delegado em Aveiro do I. N. T. P., sr. Dr. Fernando Ruy Corte-Real Amaral.

CURSO DE FORMAÇÃO AGRÍCOLA

Sob orientação do sr. Eng.º-agrónomo Carlos Maia, está a decorrer, na Colónia Agrícola da Gafanha da Nazaré, um curso de formação agrícola, que reune vinte candidatos de vários pontos do Distrito.

O curso terminará em Setembro. Engloba trabalhos práticos e aulas teóricas de várias disciplinas, entre elas matemática e contabilidade agrícola.

CURSO DE CONSTRUTOR CIVIL

Estão a realizar-se os exames de admissão ao Curso de Construtor Civil, para os candidatos habilitados com a quarta classe.

As matrículas, para os candidatos habilitados com um Curso Industrial afim, efectuam-se de 11 a 20 de Agosto, na Secretaria da Escola Industrial e Comercial de Aveiro.

INCORPORAÇÃO DE 1 700 RECRUTAS

No centro de Instrução Básica que funciona no Regimento de Infantaria n.º 10, nesta cidade, foram incorporados, na semana que hoje termina, 1 700 mancebos.

São os recrutas da terceira incorporação do ano em curso, que vêm receber em Aveiro o primeiro período de instrução elementar.

A «SEREIA» TOCOU...

Cerca das 10.45 horas da penúltima sexta-feira, deflagrou um incêndio nas Quintãs, em duas medas de trigo, pertencentes ao sr. Manuel Soares Claro.

Os bombeiros das duas corporações citadinas compareceram no local e conseguiram extinguir as chamas, evitando que o sinistro se propagasse a outras dependências.

SEMINARISTAS EM FÉRIAS

Acompanhados pelo Rev.º Padre Valdemar Alves da Costa, Vice-Reitor do Seminário de Santa Joana Princesa, estiveram em Sever do Vouga, num campo de férias, os alunos deste estabelecimento de ensino aveirense.

CONCURSO «O MEU GÁS É BUTAGAZ»

Segundo o Regulamento deste concurso, que a Agência Comercial Ria, L.da levou a efeito de 1 de Novembro de 1967 a 15 de Janeiro de 1968, os prémios que, porventura, não fossem levantados até 30 de Abril do ano corrente seriam entregues às Autoridades locais, que promoveriam o seu aproveitamento no sentido de que os mesmos viessem a reverter a favor de instituições de beneficência de Aveiro.

Nessa conformidade a A. C. Ria, L.da colocou à disposição do Excelentíssimo Senhor Governador Civil um frigorífico, um fogão e três fogareiros a gás que, por sugestão do mesmo, foram entregues às «Florinhas do Vouga», simpática instituição de caridade da nossa cidade.

OPERAÇÃO «STOP»

No dia 26 de Julho findo, entre as 9 e as 12 horas, a Secção de Espinho e o Posto de S. João da Madeira do Comando Distrital de Aveiro da P. S. P. efectuaram uma operação «stop», durante a qual inspeccionaram 2 037 veículos.

Foram levantados 17 autos, por transgressões diversas.

MOTORIZADA ABANDONADA

Foi entregue no Posto da G. N. R. de Bustos uma motorizada que aparecera abandonada na via pública.

A viatura não tem qualquer chapa de identificação, e apenas poderá ser referenciada pela marca do motor «Zundapp», com o número 3331968. Está pintada de vermelho e creme e apareceu em bom estado de conservação.

João Pinto Lona Peres

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

A Família do saudoso extinto participa a todas as pessoas das suas relações que no próximo dia 7, pelas 19.15 horas, será celebrada Missa de Sufrágio por sua alma na Igreja da Vera-Cruz.

cartões de Visita

FAZEM ANOS :

Hoje, 3 — *As sr.as D. Susette Biscaia Homem de Melo do Amaral Frazão, esposa do sr. Paulo Augusto Homem de Melo do Amaral Frazão, D. Maria Filomena do Vale Guimarães e Olieira e Prof.ª D. Maria do Céu Ferreira da Cunha, e o sr. Artur Seabra de Oliveira.*

Amanhã, 4 — *Os srs. Adriano Domingues Vital, António Nunes da Rocha, António Eduardo Horta Azevedo, Domingos Cordeiro e João da Cunha Guimarães, a menina Ana Deolinda, filha do sr. Dr. Vieira Resende, e o menino Artur Manuel, filho do sr. Tenente-Coronel Alves Moreira.*

Em 5 — *As sr.as D. Encarnação Ferreira Guedes Pinto, esposa do sr. Dr. Ernesto Guedes Pinto, e D. Maria Odete Santos Castro, esposa do sr. Manuel dos Santos Neves, e os srs. João Lourenço Rodrigues Lima, Raúl Pinho Ferreira da Maia e Dr. Pedro Augusto Ferreira.*

Em 6 — *As sr.as D. Maria da Luz Andias Limas, esposa do sr. Ricardo das Neves Limas, e D. Rosa das Dores Salgado, e os srs. Dr. Romão Machado, Francisco de Almeida da Cruz e Sousa, Adérito Mendes Seabra de Oliveira, Henrique Pinho de Almeida e João Moreira.*

Em 7 — *As sr.as D. Maria Preciosa Resende Andias, esposa do sr. Francisco Andias, e D. Manuela Correia de Matos Leiria, esposa do sr. Joaquim José Leiria, e a menina Rosa Maria, filha do sr. Dr. Ernesto Guedes Pinto.*

Em 8 — *A sr.ª D. Felismina da Rocha Nunes, esposa do sr. José Augusto Ferreira Nunes, os srs. José Luís Rodrigues da Silva e Alcino da Conceição Venceslau, as meninas Conceição Maria, filha do sr. Jaime Gadim Limas, e Maria Fernanda, filha do sr. Manuel Pereira Melo, e o menino Raúl Pinho Ferreira da Maia, fiho do sr. Fernando Ferreira da Maia.*

Em 9 — *A sr.ª D. Maria Júlia de Freitas Raposo, esposa do sr. Dr. João Raposo, e os srs. Francisco de Oliveira Ferreira Júnior e António Ferreira Estima Rino.*

CASAMENTO

Na igreja do Hospital, em Fátima, uniram-se pelo matrimónio, no dia 20 de Julho, a sr.ª D. Maria Eugénia Côrte-Real Vieira de Meireles, natural de Mouriz, Paredes (Douro), filha da sr.ª D. Maria Eugénia Côrte-Real Vieira de Meireles e do saudoso Coronel-Médico José Firmino Vieira de Meireles, com o sr. Vítor Manuel Mano Gomes, de Ílhavo, Inspector do Comissariado do Turismo, filho da sr.ª D. Felicidade Mano Gomes e do nosso bom amigo Dr. Victor Manuel Machado Gomes, distinto advogado e dinâmico Presidente do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo.

Foi celebrante o Rev.º Padre Carlos Marques, amigo da família do noivo, e serviram de padrinhos: pela noiva, seu irmão Vasco e sua mãe; e, pelo noivo, seus tios, sr.ª D. Silvina Mano Sá Marques e marido, sr. Eng.º Fernando Sá Marques.

Ao novo lar desejamos as maiores felicidades

NASCIMENTOS

Na Clínica de Santa Joana, nasceram, no passado dia 18, dois gémeos ao casal da sr.ª D. Maria Vitória Filipe Peres Monteiro e do sr. Francisco José da Silva Peres Monteiro, Adjunto do Chefe de Serviços do G. E. T. E. da Companhia Portuguesa de Celulose.

Os neófitos vão ser baptizados com os nomes de João Nuno e Paulo Alexandre.

★

Em 21 de Julho findo, nasceu, no Hospital de Santa Joana, o sétimo filho ao casal da distinta professora do Ensino Técnico e nossa apreciada colaboradora sr.ª Dr.ª Dulce Souto e de seu marido, o ilustre advogado desta comarca sr. Dr. Paulo Catarino.

Ao menino, que é o quinto varão na descendência do conceituado lar aveirense, vai ser dado o nome de Nuno Pedro.

Os nossos parabéns

CANDIDO TELES

Acompanhado de sua gentilíssima esposa, esteve em Aveiro, na penúltima semana, o nosso bom amigo Tenente-Coronel Cândido Teles, Chefe do Estado Maior da III Região Militar e distinto artista plástico.

TENENTE JOAQUIM DUARTE

Foi há pouco promovido ao seu actual posto o nosso dedicado colaborador Tenente-aviador Joaquim Nunes Duarte, actualmente a prestar serviço na Base da Ota.

ALBERTO MENDONÇA E SILVA

Foi recentemente nomeado Tesoureiro do Banco de Portugal e colocado na Agência de Viseu o nosso bom amigo sr. Alberto Carlos de Mendonça e Silva, que, durante vinte e sete anos, prestou serviço na Agência de Aveiro, com muito aprumo, zelo e competência.

ZÉ PENICHEIRO

Esteve em Aveiro, na passada terça-feira, o distinto artista plástico Zé Penicheiro, apreciado colaborador do Litoral *e nosso bom amigo.*

CORONEL EVANGELISTA BARRETO

De férias, encontra-se nesta cidade o distinto militar e nosso bom amigo sr. Coronel Evangelista de Oliveira Barreto, antigo Comandante do Regimento de Infantaria n.º 10, que se encontra em missão de soberania na Província de Moçambique.

DR. JOÃO GAIOSO HENRIQUES

Vimos em Aveiro o sr. Dr. João Gaioso Henriques, distinto Médico-Radiologista em Luanda, que, com sua esposa e filhos, veio passar merecidas férias à Metrópole.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª publicação

No dia 14 do próximo mês de Outubro, pelas 14.30 horas, no Tribunal desta comarca e nos autos de acção especial de divisão de coisa comum que a autora Laura de Sousa da Silva, viúva, operária, residente em Moitinhos, na qualidade de legal representante de sua filha menor, Maria Odete de Sousa e Silva, move aos réus Manuel da Silva, viúvo, agricultor, de Moitinhos, e outros, há-de proceder-se à arrematação em hasta pública do imóvel a seguir indicado, pertencente à autora e réus, o qual será entregue a quem maior lanço oferecer acima do valor porque será posto pela primeira vez em praça e que adiante se refere:

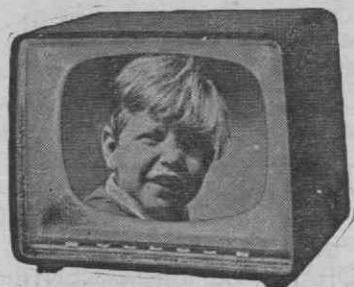
IMÓVEL A ARREMATAR:

Imóvel composto de terreno e casas, sito no lugar de Moitinhos, da freguesia de Ílhavo, a confrontar do norte com caminho de consortes, do sul com Manuel Maria de Oliveira Pio, e do nascente e poente com caminho público. Está inscrito na matriz respectiva sob os art.os 507 e 514, urbanos, e 8 345, rústico. Tem implantado, como benfeitorias, um prédio de casas térreas, inscritas na matriz em nome de António Guedes, sob o art.º 4 244. Vai à praça no valor de 91 940$00.

Aveiro, 19 de Julho de 1968

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,
Abel Pereira Delgado

O Escrivão da 1.ª Secção,
Luís Henrique Ferreira

Litoral — Ano XIV — 3-8-68 — N.º 717

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Proc. 102-A/67
2.º Juízo — 2.ª Secção
2.ª publicação

Faz-se público que pelo Juízo de Direito desta comarca de Aveiro e 2.ª secção, nos autos de execução de Sentença que Lídia Ferreira Génio, menor residente em Quinta do Picado, freguesia de Aradas, desta comarca, move contra Raul de Castro Silva e mulher, Maria Rosa Sanches Castro Silva, ele industrial e ela doméstica, residentes na Rua José Rabumba, vinte e quatro, em Aveiro, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real na execução.

Aveiro, 19 de Julho de 1968

VERIFIQUEI:
O Juiz de Direito,
Abel Pereira Delgado

O Escrivão de Direito,
Armando Rodrigues Ferreira

Litoral — Ano XIV — 3-8-68 — N.º 717

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Proc. n.º 82/68
2.ª Secção — 2.º Juízo
1.ª publicação

Pelo Segundo Juízo de Direito e Segunda Secção, desta comarca de Aveiro, nos autos de ACÇÃO ORDINÁRIA (OFICIOSA DE INVESTIGAÇÃO DE PATERNIDADE ILEGÍTIMA) que o Meritíssimo Ajudante do Procurador da República nesta comarca move contra INÁCIO MARINHO QUEIROZ, solteiro, maior, jornaleiro, ausente em parte incerta e com última residência conhecida em Cale da Vila, freguesia da Gafanha da Nazaré, desta comarca, é este réu citado para contestar, apresentando a sua defesa, no prazo de VINTE DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do presente anúncio.

Naqueles autos o pedido consiste em o réu ser reconhecido como pai do menor José Manuel Gonçalves, filho de Rita Gonçalves.

Aveiro, 25 de Julho de 1968

O Escrivão de Direito,
Armando Rodrigues Ferreira

VERIFIQUEI:
O Juiz de Direito,
Abel Pereira Delgado

Litoral — Ano XIV — 3-8-68 — N.º 717

Desportos

Continuações da última página

II DIVISAO — ZONA NORTE

CALENDÁRIO DA I VOLTA

8.ª JORNADA
10 de Novembro

BEIRA-MAR — BOAVISTA
SALGUEIROS — FAMALICÃO
PENAFIEL — AC. VISEU
TORRES NOVAS — COVILHÃ
TRAMAGAL — ESPINHO
GOUVEIA — LEÇA
VALECAMBRENSE — TIRSENSE

9.ª JORNADA
17 de Novembro

BEIRA-MAR — SALGUEIROS
FAMALICÃO — PENAFIEL
AC. VISEU — TORRES NOVAS
COVILHÃ — TRAMAGAL
ESPINHO — GOUVEIA
LEÇA — VALECAMBRENSE
BOAVISTA — TIRSENSE

10.ª JORNADA
24 de Novembro

SALGUEIROS — BOAVISTA
PENAFIEL — BEIRA-MAR
TORRES NOVAS — FAMALICÃO
TRAMAGAL — AC. VISEU
GOUVEIA — COVILHÃ
VALECAMBRENSE — ESPINHO
TIRSENSE — LEÇA

11.ª JORNADA
1 de Dezembro

SALGUEIROS — PENAFIEL
BEIRA-MAR — TORRES NOVAS
FAMALICÃO — TRAMAGAL
AC. VISEU — GOUVEIA
COVILHÃ — VALECAMBRENSE
ESPINHO — TIRSENSE
BOAVISTA — LEÇA

12.ª JORNADA
15 de Dezembro

BOAVISTA — PENAFIEL
TORRES NOVAS — SALGUEIROS
TRAMAGAL — BEIRA-MAR
GOUVEIA — FAMALICÃO
VALECAMBRENSE — AC. VISEU
TIRSENSE — COVILHÃ
LEÇA — ESPINHO

13.ª JORNADA
22 de Dezembro

PENAFIEL — TORRES NOVAS
SALGUEIROS — TRAMAGAL
BEIRA-MAR — GOUVEIA
FAMALICÃO — VALECAMBRENSE
AC. VISEU — TIRSENSE
COVILHÃ — LEÇA
ESPINHO — BOAVISTA

Sangalhos e o ciclismo

clube de recursos modestos, está empenhado, sèriamente, em manter-se na velocipedia portuguesa, recuperando, se possível, a primazia que lhe foi arrebatada pelos clubes sulistas. Para a «Volta a Portugal» que em breve se inicia, os sangalhenses contam com Joaquim Andrade, Celestino e Herculano de Oliveira, João Fonseca e António Pereira, acompanhados por quatro jovens esperançosos, há pouco promovidos a «profissionais»: Joaquim Barreto Simões, Albino Mariz, Norberto Duarte e Lino Santos.

E não quedam por aqui os sacrificados esforços dos seus dedicados dirigentes: o técnico Sousa Santos, chamado para orientação dos ciclistas da Bairrada, deverá contar com o reforço de dois ou três corredores espanhois.

Importará, porém, saber apoiar e estimular devidamente os atletas da camisola azul, os ciclistas da Bairrada. E um dos pontos em que esse estímulo e esse apoio terão de assentar tem de ser necessàriamente o carro-de-apoio.

Briosos, disciplinados e valorosos, os atletas do Sangalhos bem merecem que a prestigiosa colectividade que representam faça por eles mais este sacrifício. As gloriosas e brilhantes páginas da história do Sangalhos, aliás, exigem esse esforço — que, estamos certos, os dirigentes bairradinos, homens de luta, saberão efectuar.

REMO

dos Galitos, que deslocam a Tomar 32 remadores.

Os aveirenses inscreveram-se nas seguintes provas: em JUVENIS — «yolles» de 4, «shell» de 4 e «shell» de 8; em JUNIORES — «shell» de 4 e «shell» de 8; e, em SENIORES — «shell» de 2, «shell» de 4 e «shell» de 8.

PESCA

Concurso de Pesca ao arrolado

veram prémios de consolação (e indicamos, sem preocupação de ordem): DÓ-RÉ-MI, com Francisco Miguel e Luís Manuel Branco Lopes; BELONE, com Artur Melo Freitas, António Sucena e António Bastos Xavier; TACLAG, com Joaquim Adriano Campos Amorim, Dr. Manuel Louzada, Maria Amélia e Maria da Graça Campos Amorim; KENNEDY, com Abel Santiago e Dr. Fernando Miranda; CAGAREU, com António Luís da Cruz Bento e D. Elisete da Cruz Bento; CORSÁRIO, com Ramiro Patrício, D. Maria do Carmo Patrício, Osvaldo Oliveira e Maria Helena; MARIA ALICE, com José da Silva Marques, António Martins Rei e Carlos Manuel; EVOÉ, com Dr. Dionísio Vidal Coelho e Pompeu Duarte; ROMI, com José Fernades Vieira e D. Rosa Maria Vieira; ANA MARIA, com Amadeu de Melo Amador, Porfírio Soares Machado e António Leopoldo Rebocho Christo; PÁSSARO VERDE, com Carlos Mendes (Filho) Artur Oliveira; e CAROLINA AMÉLIA, com António Gonçalves da Vitória Machado e Filomeno Carlos Santos.

Os prémios especiais — para o maior exemplar e para o maior número de variedades — foram atribuídos, respectivamente, aos barcos ZM e DONA GIRA.

Fez-se, igualmente, uma classificação especial, para as senhoras, obtendo-se este resultado: 1.ª — Maria Paula de Oliveira Sérgio; 2.ª — D. Elvira Ferreira Brito Peres; 3.ª — D. Irene Pires; 4.ª — D. Rosa Ferreira da Graça; 5.ª — D. Maria Odete Ançã Belo; 6.ª — D. Maria Hélia e Hélia Maria Canhão Ágoas; 7.ª — D. Maria Armanda Simões Dias; 8.ª — D. Elisete da Cruz Bento; 9.ª — D. Maria do Carmo Patrício; 10.ª — Maria Amélia e Maria da Graça Campos Amorim.

Na Casa-Abrigo de S. Jacinto, houve, no final do concurso, um almoço de confraternização, a que assistiram os srs. Governador Civil, Capitão do Porto de Aveiro, Presidente da Junta Autónoma, Engenheiro-Director e Engenheiro-Adjunto do Porto de Aveiro, Comandante da Guarda Fiscal, Eng.º Branco Lopes (representando o Presidente do Município), Presidente do Grémio do Comércio e Manuel Alves Barbosa, pelo Sporting de Aveiro — todos acompanhados de suas esposas —, e um representante do *Litoral*.

Foram, então, distribuídos os prémios; e, aos brindes, usaram da palavra as seguintes individualidades: Joaquim Adriano Campos Amorim, Presidente do Clube Naval de Aveiro; Manuel Alves Barbosa, pelo Sporting de Aveiro; Carlos Mendes, pelo Grémio do Comércio; Eng.º Branco Lopes, pela Câmara Municipal; Eng.º Carlos Gomes Teixeira, pela Junta Autónoma; e Dr. Manuel Louzada, Chefe do Distrito.

Focaram-se, nos vários discursos, instantes problemas relativos às instalações náuticas dos clubes aveirenses — assunto de magno interesse, a que, oportunamente, faremos nestas colunas a devida e necessária referência.

Concurso do Recreio Artístico

Henrique Teixeira, 945; 13.º — Manuel da Cunha Couceiro, 770; 14.º — José Bolhão, 640; 15.º — Serafim de Almeida, 635; 16.º — José Amaral Pedro, 560; 17.º — Manuel Rodrigues, 550; 18.º — António Fernandes da Silva, 510; 19.º — Joaquim Henriques, 445.

JUNIORES — 1.º — António Mano, 4 200 pontos; 2.º — Manuel Fidalgo, 1 395; 3.º — Alberto Vieira, 1 120; 4.º — Armando Ferreira, 800.

Xadrez de Notícias

o II Campeonato Distrital Corporativo de Natação, promovido pela Delegação de Aveiro da F. N. A. T.

As equipas femininas do Centro de Recreio Popular, de Guimarães, e da Caixa de Previdência de Aveiro disputaram, em duas «mãos», a meia-final do Campeonato Nacional de Voleibol da F. N. A. T.

As vimaranenses triunfaram, nas duas vezes, por 2-0: em Guimarães, ganharam por 15-3 e 15-2; e, em Aveiro, venceram por 15-12 e 15-2.

Foi tornada conhecida uma primeira lista de futebolistas cujos serviços o Beira-Mar dispensará na próxima época, nela se incluindo: Nartanga, Porfírio, Mateus, Pereira, Mónica, Rocha e Pacheco.

Manuel Alves Barbosa, do Sporting de Aveiro, seguiu para Espanha, integrado na selecção portuguesa que vai disputar em Pálamos (Catalunha), perto de Barcelona, os Campeonatos Europeus de Motonáutica.

As competições foram marcadas para amanhã e segunda-feira, 4 e 5 de Agosto corrente.

«Caloiro» na II Divisão Nacional, na próxima época, o Valecambrense procura reforçar a sua equipa, tendo assegurado, para já, o concurso de Alvarez e Grilo, que alinhavam na Sanjoanense.

Como treinador, o grupo de Vale de Cambra — primeiro adversário dos beira-marenses — contratou de novo Daniel Silva, um técnico cuja competência é bem conhecida.

No Campo de Jogos da Firma Paula Dias, a turma de «reservas» do Clube Desportivo de Aveiro empatou a três bolas com o Grupo Desportivo da Presa, num jogo amistoso entre grupos populares.

Pelo C. D. A. — que entrou em férias num periodo de trinta dias — alinharam: Alberto; Leite, José António e Palinhas; José e Tonito; Santos, Jorge, Fernando, Adrego e Luís.

Basquetebol

Paulo 2-0, Garcia 1-0, Machado 8-4, Neiva 0-2, Lima, José Maria e Vítor Melo.

GEPIDAS — Anívio, Fitorra, Costa 11-6, Edgar 2-0, Agostinho e José Santos.

O encontro foi muito agradável, interessando o público, sendo merecido o triunfo da turma dos AVARENTOS, que, assim, conquistou o primeiro lugar no Torneio da Primavera, relegando os GEPIDAS para o segundo posto.

NATAÇÃO

Para isso, será necessário que se construam, como noutras cidades e vilas, as projectadas piscinas municipais. Sem elas, será impossível sair desta confrangedora situação.

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO — NORTE

CALENDÁRIO DOS JOGOS DA PRIMEIRA VOLTA

1.ª JORNADA
8 de Setembro

ESPINHO — COVILHÃ
LEÇA — AC. VISEU
TIRSENSE — FAMALICÃO
VALECAMBRENSE — BEIRA-MAR
GOUVEIA — SALGUEIROS
TRAMAGAL — PENAFIEL
BOAVISTA — TORRES NOVAS

2.ª JORNADA
15 de Setembro

COVILHÃ — BOAVISTA
AC. VISEU — ESPINHO
FAMALICÃO — LEÇA
BEIRA-MAR — TIRSENSE
SALGUEIROS — VALECAMBRENSE
PENAFIEL — GOUVEIA
TORRES NOVAS — TRAMAGAL

3.ª JORNADA
22 de Setembro

COVILHÃ — AC. VISEU
ESPINHO — FAMALICÃO
LEÇA — BEIRA-MAR
TIRSENSE — SALGUEIROS
VALECAMBRENSE — PENAFIEL
GOUVEIA — TORRES NOVAS
BOAVISTA — TRAMAGAL

4.ª JORNADA
29 de Setembro

AC. VISEU — BOAVISTA
FAMALICÃO — COVILHÃ
BEIRA-MAR — ESPINHO
SALGUEIROS — LEÇA
PENAFIEL — TIRSENSE
TORRES NOVAS — VALECAMBRENSE
TRAMAGAL — GOUVEIA

5.ª JORNADA
6 de Outubro

AC. VISEU — FAMALICÃO
COVILHÃ — BEIRA-MAR
ESPINHO — SALGUEIROS
LEÇA — PENAFIEL
TIRSENSE — TORRES NOVAS
VALECAMBRENSE — TRAMAGAL
BOAVISTA — GOUVEIA

6.ª JORNADA
13 de Outubro

FAMALICÃO — BOAVISTA
BEIRA-MAR — AC. VISEU
SALGUEIROS — COVILHÃ
PENAFIEL — ESPINHO
TORRES NOVAS — LEÇA
TRAMAGAL — TIRSENSE
GOUVEIA — VALECAMBRENSE

7.ª JORNADA
3 de Novembro

FAMALICÃO — BEIRA-MAR
AC. VISEU — SALGUEIROS
COVILHÃ — PENAFIEL
ESPINHO — TORRES NOVAS
LEÇA — TRAMAGAL
TIRSENSE — GOUVEIA
BOAVISTA — VALECAMBRENSE

Continua na página sete

SANGALHOS e o CICLISMO

Prestigioso entre os mais prestigiosos clubes do nosso Distrito e, até, do nosso País, o Sangalhos Desporto Clube tem obra sólida, indestrutível, constante, dentro da velocipedia nacional. Todos, por certo, a conhecem de cor. Não interessa, por tanto, relembrá-la.

Vencendo obstáculos sem conta, sempre o Sangalhos se tem mantido na primeira linha do ciclismo português, vezes sem conta se coroando com os mais apetecidos louros da vitória. Os ciclistas do conhecido clube bairradino têm tido épocas de enorme brilhantismo, de fulgor rutilante ; e têm, também, sofrido alguns desaires penosos ! — é assim a luta, no campo do Desporto.

Um destes insucessos, ocorrido há bem poucos dias, no decurso da etapa Leiria-Aveiro do II Grande Prémio E. F. S. — Casal, *deu-nos motivo para este apontamento.*

Por falta de apoio e por falta de assistência, na aludida etapa, ficaram na estrada dois corredores sangalhenses : João Fonseca (dias antes brilhante vencedor do Grande Prémio Sachs — S. I. S.) *e António Pereira. Falámos com ambos, e ambos se mostraram desalentados com os seus azares. Até aqui, tudo banal e frequente. Todavia, o insólito do caso é que a falta de apoio e a falta de assistência tiveram origem em «avaria» do carro-de-apoio do clube, ao que nos disseram muito habituado a pregar «partidas» semelhantes noutros momentos, e com indesejável frequência !*

O Sangalhos, clube de grandes tradições, mas

Continua na página sete

CAMPEONATOS de REMO

HOJE E AMANHÃ EM TOMAR

A Federação Portuguesa do Remo marcou os Campeonatos Nacionais de Velocidade da época em curso para a pista do Casteo de Bode, em Tomar.

As diversas regatas foram marcadas para hoje e para amanhã, mas não podemos informar os leitores interessados acerca do respectivo programa e do horário das provas, dado que a organização destas competições nada mais comunicou sobre o assunto — em nítido contraste com o que sucedia em épocas transactas.

Quanto nos é possível adiantar refere-se às tripulações do Clube

Continua na página sete

VELA

CAMPEONATO DO NORTE DE ANDORINHAS

No penúltimo fim-de-semana, ao largo da Torreira, na Ria de Aveiro, terminou o Campeonato Regional do Norte, na classe de «Andorinhas», competição que decorreu com muito interesse, mas que apenas reuniu velejadores da Associação Desportiva Ovarense.

No somatório das três regatas realizadas, apurou-se a seguinte classificação geral :

1.º — José Silva — José Rafael, 0 pontos ; 2.º — António Pinho — Jorge Brandão, 9 ; 3.º — Manuel Duarte — Fernando Ramires, 17,1 ; 4.º — Mário Bonifácio, 24 — todos da Ovarense.

Afirmando superioridade incontestável, os velejadores José Silva e José Rafael conquistaram o título de campeões nortenhos, na classe de «Andorinhas».

CONCURSO DO RECREIO ARTÍSTICO

No penúltimo fim-de-semana, no Rio Vouga, em Cacia, efectuouse o XXV Concurso de Pesca de Rio da Sociedade Recreio Artístico, prova reservada aos sócios da prestigiosa colectividade aveirense.

Apuraram-se as seguintes classificações:

SENIORES — 1.º — Jorge Marques Nogueira, 7 565 pontos; 2.º — José da Loura Peixinho, 5 470; 3.º — José Moreira de Matos, 4 785; 4.º — Fernando Maia, 2 135; 5.º — Amabílio Ferreira, 1 815; 6.º — António Mouro, 1 590; 7.º — Manuel Ribeiro Fernandes, 1 445; 8.º — Florindo Ramos, 1 375; 9.º — Carlos Martins, 1 360; 10.º — António Carvalho, 1 165; 11.º — Alberto Rodrigues, 980; 12.º —

Continua na página sete

VII CONCURSO DE PESCA AO ARROLADO DA RIA DE AVEIRO

No domingo, um magnífico dia em que as águas da Ria pareciam um tranquilo lago, disputou-se o anunciado *VII Concurso de Pesca ao Arrolado*, em organização do Clube Naval de Aveiro.

O dia esteve excelente, já o dissemos. E os concorrentes — cerca de cento e cinquenta, distribuídos por três dezenas de barcos — foram afortunados nas suas pescarias, quase todos conseguindo apanhar peixe...

A prova decorreu entre a Pousada da Ria, no Muranzel, e a boia gigante, frente a S. Jacinto. Principiou pouco depois das 9 horas, terminando cerca do meio-dia.

Feita a classificação e a pesagem do peixe, elaborou-se a seguinte classificação geral, por embarcações :

1.º — COTURNO, com Roque Gonçalves Maio e Virgílio Sérgio da Silva. 2.º — ZM, com José Maria de Sousa Neves e Carlos Alberto Prazeres. 3.º — TORPEDO, com Eugénio Gonzalez Peña, José e Mário Teles de Menezes. 4.º — PAULITA, com Sérgio de Oliveira Sérgio, João Fernando Serra e Maria Paulina de Oliveira Sérgio. 5.º — GÔNDOLA, com João da Costa Belo, Agostinho Peão e Avelino Dias da Silva. 6.º — PICA-PAU, com José Morais de Carvalho, José Edmundo Pinho de Carvalho, Norberto Moreira e Carlos Alberto Dias Gamelas. 7.º — CARLITOS, com Dr. Ernesto Barros e Carlos Ernesto de Barros. 8.º — BELA, com Alberto Urbano Peres, D. Elvira Ferreira Brito Peres e José Carlos Brito Peres. 9.º — ONDA, com Alberto Pires e D. Irene Pires. 10.º — LOTUS, com Telmo da Graça Rosa, D. Rosa Ferreira da Graça e Raul Pericão Seixas. 11.º — LACRAIA, com João da Costa Belo (Filho), D. Maria Odete Ançã Belo e Fernando Luís Ançã. 12.º — UATAPU, com João Morais Sarmento, José Júlio Varela, Orlando da Costa Pereira e José Correia. 13.º — SONATA II, com José Fernandes Soares e Manuel Fernandes Alves. 14.º — LINDINHA, com Carlos da Rocha Leitão e Jaime de Oliveira Gomes. 15.º — ENOSSA, com Dr. João Cura Soares, Dr. Rui Pinho e Melo e Dr. Francisco José Araújo e Sá. 16.º — MERILDE, com Cravo Machado Calisto, Major António Tavares, Rui Vicente Ferreira e Dr. José Couceiro. 17.º — DONA GIRA, com Vasco José Ágoas, D. Maria Hélia Canhão Ágoas, Hélia Maria e Vasco António Canhão Ágoas. 18.º — ÁGUIA BRANCA, com João Simões Neto Júnior e António Alberto Tavares de Sousa. 19.º — JOÃO PEDRO, com Francisco da Encarnação Dias e D. Maria Armanda Simões Dias. 20.º — Manuel Alves Barbosa, José Eduardo Alves Barbosa e José Maria Arroja.

Em seguida, classificaram-se as restantes embarcações, que obti-

Continua na página sete

O Presidente do Clube Naval de Aveiro, usando da palavra na cerimónia de distribuição de prémios

JOVEM !

O Sport Clube Beira-Mar tem em organização as suas equipas de futebol de juniores e juvenis, para a próxima época.

Na Secretaria do Beira-Mar, podes pedir esclarecimentos e fazer a tua inscrição.

Natação

Em ÁGUEDA, a 10 e 11,

CAMPEONATOS REGIONAIS

A Associação de Natação de Aveiro marcou para a pista fluvial de Águeda, nos próximos dias 10 e 11, os Campeonatos Regionais, nas categorias de iniciados, juvenis, juniores e seniores.

Apenas três clubes — Sport Algés e Águeda, Clube Naval de Aveiro e Sport Clube Beira-Mar — se encontram inscritos, denotando o desalentador panorama da natação aveirense.

Importa revitalizar a modalidade entre nós, por forma a permitir que Aveiro reocupe, na natação portuguesa, o posto de relevo que outrora lhe pertenceu.

Continua na página sete

XADREZ de NOTÍCIAS

Na penúltima sexta-feira, sob presidência do sr. Eng.º João de Oliveira Barroca, Delegado da Direcção Geral dos Desportos, realizou-se uma reunião dos dirigentes das várias associações distritais (exceptuando a Associação de Futebol), para se estudar a possibilidade da criação da Associação de Desportos de Aveiro — organismo a quem competiria orientar as diversas modalidades pobres.

Como tem sido noticiado, iniciam-se no próximo sábado, dia 10, os treinos dos futebolistas seniores do Beira-Mar, sob direcção do novo técnico Frederico Passos.

Na pista do Estádio do Conde Dias Garcia, em S. João da Madeira, realizam-se, hoje e amanhã, os Campeonatos Distritais de Atletismo da F. N. A. T. (1.ª e 2.ª categorias), a que concorrem atletas da «Oliva», da «Molaflex» e dos Estaleiros S. Jacinto.

Na piscina das Minas do Pejão, e na primeira quinzena deste mês, realiza-se

Continua na página sete

Basquetebol

TORNEIO DA PRIMAVERA

Conforme anunciámos, a vitória final no Torneio da Primavera, organizado pelo Clube do Povo de Esgueira, teve de ser discutida numa «finalíssima», entre as equipas dos AVARENTOS e dos GÉPIDAS, que terminaram com igual número de pontos.

O desafio de desempate efectuou-se no Campo da Alameda, sob direcção dos srs. Alberto Macedo e Aureliano Silva, tendo os AVARENTOS vencido por 29-19, com 15-6 no final do primeiro tempo.

As equipas alinharam e marcaram do seguinte modo:

AVARENTOS — Fernado 3-9,

Continua na página sete

Um aspecto da largada das embarcações que participaram no VII Concurso de Pesca ao Arrolado da Ria de Aveiro

Ex mo Sr.
João Sarabando